

## Partida aos EUA

No ano de 1948, Willems recebeu o convite de T. Lynn Smith para ensinar na Universidade de Vanderbilt durante a *summer school*, no verão norte-americano, no recém-criado Instituto de Estudos Brasileiros. Mesmo afirmando não conhecer absolutamente nada sobre a Vanderbilt, o Tennessee ou sobre os Estados Unidos (Willems, 1993, p. 29) – exceto pela antropologia dos EUA, devo objetar – o antropólogo decidiu aceitar o convite, curioso sobre o país e com o projeto do instituto.

O papel que a Universidade de Vanderbilt assumiu, tanto para Willems como para o desenvolvimento dos chamados estudos latinos e especialmente brasileiros nos EUA, merece destaque. De fato, a universidade do Tennessee foi a primeira instituição de grande porte a criar um instituto voltado exclusivamente para os estudos brasileiros. Dessa forma, com a criação do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de Vanderbilt, em 1947, Willems assumiu mais uma vez um papel de pioneirismo. O instituto, criado em setembro de 1947 com fundos e encorajamento da Carnegie Foundation de Nova York depois do retorno do reitor Harvie Branscomb de uma viagem ao Brasil, atraiu no verão de 1948, segundo reportagem do jornal americano *The Jackson Sun* (Dutra [...], 1949), educadores de alto nível, inclusive o Dr. Emílio Willems da Universidade de São Paulo.<sup>1</sup>

---

1 Além disso, no periódico *The Montgomery Advertiser*, é possível encontrar uma nota sob o título “Names Brazilian Professor” com o perfil de Willems. Publica o jornal: “Vanderbilt University today announced the appointment →

Segundo o site oficial da universidade, o desejo de Branscomb em transformar a Vanderbilt de uma instituição regional em uma instituição de importância nacional, colocando a universidade “no mapa”, ganhou fôlego a partir da vitória dos aliados na Segunda Guerra Mundial. Segundo Furlong (2008), o governo americano incentivou o estudo acadêmico de seus parceiros durante a guerra. Dessa forma, a forte impressão que o Brasil deixou em Branscomb, tanto como país com potencial de investimento acadêmico quanto como uma chave para a ampliação da influência norte-americana na América do Sul, contribuiu para o novo instituto criado. Segundo Marshall Eakin, professor de história entrevistado na reportagem sobre a trajetória da instituição no site do instituto:

Quando Branscomb cria este centro no final dos anos 40, em muitos aspectos não há nenhum outro lugar do planeta que tenha o tipo de concentração nos estudos brasileiros que nós temos [...]. Nesse momento, nos Estados Unidos, há muito poucos estudiosos estudando a América Latina, muito menos o Brasil (cf. Furlong, 2008, tradução minha).<sup>2</sup>

Em maio de 1949, o presidente dos então Estados Unidos do Brasil, Eurico Gaspar Dutra, realizou a primeira viagem de um chefe de Estado brasileiro para os Estados Unidos da América. Dutra foi celebrado em cortejos oficiais em várias cidades, como Nashville, mas especialmente na Universidade de Vanderbilt, uma de suas paradas no país do norte.

---

→ of a Brazilian Scientist as visiting professor of anthropology. Dr. Emilio Willems is a German-born anthropologist who going there in 1930 for field after studies became a citizen of Brazil” (Names [...], 1949).

2 No original: “When Branscomb creates this center in the late ‘40s, in many ways there’s nowhere else on the planet that has the kind of concentration in Brazilian studies that we have [...]. At that point in the United States, there are very few scholars studying Latin America, much less Brazil”.

Lá recebeu o título de “Primeiro Presidente Honorário” do Instituto de Estudos Brasileiros. O jornal *O Estado de S. Paulo* transcreveu trecho do discurso do mandatário na ocasião:

Como brasileiro, sinto meu coração profundamente comovido pela significação desta cerimônia. Em meio desta atmosfera de alta cultura, vejo-me em contato com uma comunidade universitária que devota parte de seus esforços à coleta e à difusão do conhecimento acerca do Brasil.

A Universidade de Vanderbilt é, de fato, a primeira instituição de ensino superior dos Estados Unidos que cria um instituto essencialmente dedicado aos estudos do Brasil, cujo fim é aprofundar e definir as verdadeiras realidades que rodeiam o povo e a terra brasileiros. Em vista disso, não posso furtar-me à manifestação do contentamento que me invade ao verificar tal demonstração de interesse e mesmo afeição pelo Brasil.

A amizade entre nossos dois países somente poderá ser aumentada mediante organizações do quilate do Instituto de Estudos Brasileiros, que possam confrontar o Brasil com seus destinos históricos. Os cursos existentes no “currículo” daquele Instituto preenchem precisamente aquela alta finalidade de tornar os laços de amizade entre os Estados Unidos da América e os Estados Unidos do Brasil mais lúcidos e consistentes.

Assim, é com a mais vívida honra e emoção que, ao receber o título honorário de membro do Instituto de Estudos Brasileiros desta Universidade, agradeço a honra que me é conferida, com as mais ardentes e constantes esperanças de que esta excepcional iniciativa de aproximação cultural seja um completo sucesso (Copeland, 1949).

De fato, o instituto parece ter deixado boa impressão, vislumbrada no comentário da imprensa brasileira. O enviado especial do jornal *O Estado de S. Paulo* escreveu à época:

O dia de hoje do presidente Dutra foi quase todo dedicado à visita à Universidade de Vanderbilt. Pudemos assim observar mais de perto o problema das relações culturais entre Brasil e os Estados Unidos, sobretudo naquilo que falta a nosso país. O Instituto de Estudos Brasileiros desta Universidade, dirigido pelo professor Lynn Smith, é exemplar, constituindo verdadeira surpresa para o visitante. Como tudo isto é feito por iniciativa local de alguns professores que conhecem e amam o Brasil, compreende-se facilmente o que poderia ser feito no caso de dispormos a enviar algum auxílio a estes gratuitos amigos (Marcha [...], 1949).

Assim, a aproximação ocorrida entre Estados Unidos e Brasil passou também, se não de forma efetiva, ao menos de forma simbólica, pela Universidade de Vanderbilt. O pronunciamento do reitor Branscomb ao fornecer o título honorário a Dutra ressaltava o entrelaçamento entre política de Estado e uma agenda acadêmica entre os dois países: “Por mais de um século o Brasil tem fortalecido e retribuído à altura a amizade dos Estados Unidos. O governo do general Eurico Gaspar Dutra tem perpetuado esses sentimentos de amizade e mútua compreensão que sempre caracterizaram as relações do Brasil para com os Estados Unidos” (Copeland, 1949). Nesse sentido, eis que o convite a Willems para lecionar na referida universidade ganha mais peso. A aproximação cultural entre os dois países amigos parece ser a chave para compreendermos o convite. Como escreve o cônsul-geral americano Cecil Cross (1949) para o reitor da Universidade de São Paulo, Lineu Prestes:

Para o referido Instituto [Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de Vanderbilt], é extremamente importante a colaboração do Prof. Willems, tanto para o desenvolvimento do seu programa, como para o seu departamento de sociologia e antropologia.

E continuou:

Indubitavelmente, a contribuição do Prof. Willems à divulgação da cultura brasileira nos meios universitários do meu país, será de inestimável valor para a maior aproximação cultural entre Brasil e os Estados Unidos.

É com grande satisfação que o Departamento de Estado coopera neste plano, a fim de tornar possível a presença de um erudito professor da Universidade de São Paulo nos Estados Unidos.

Da mesma forma, o convite a Willems também teve apoio interno da Universidade de São Paulo. Em ofício do professor chefe do Departamento de Sociologia e Antropologia, Fernando de Azevedo, ao diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de junho de 1949, o professor ressaltou o convite de “um centro de primeira ordem de atividades didáticas e científicas” e colocou a cooperação de professores brasileiros como sendo “do mais alto interesse, tanto da Universidade de São Paulo como do Brasil” (Azevedo, 1949) para contribuir ao único instituto do gênero na América do Norte. Além disso, a visita do presidente brasileiro, seu cargo de presidente honorário do referido instituto e a afirmação dos dirigentes da Universidade de Vanderbilt que “frisaram a necessidade de uma cooperação mais estreita com o Brasil” foram pontos destacados por Fernando de Azevedo para o diretor da FFCL e que estavam presentes também no ofício do reitor Lineu Prestes para o governador do estado de São Paulo, Ademar de Barros.<sup>3</sup>

Entretanto, a colaboração de Willems com o instituto, apesar de ter sido considerada como fundamental pelo Departamento de Estado americano, não deixou de apresentar alguns problemas, como recorda

---

3 Escreve o reitor: “Trata-se, senhor governador, de convite honroso para o nosso país e, especialmente para a Universidade de São Paulo. O Excelentíssimo Senhor Presidente da República, tendo em maio último, visitado o Instituto em apreço, foi eleito seu primeiro Presidente Honorário e nessa ocasião, tanto o Senhor Presidente como os dirigentes daquela Universidade frisaram a necessidade de uma cooperação mais estreita com o Brasil” (Prestes, 1949).

o antropólogo em sua autobiografia de 1993. Segundo ele, devido à sua origem alemã, o cônsul se recusou a dar à família do professor qualquer tipo de visto sem “investigar” o “caso” antes. É preciso lembrar que à época havia nos EUA uma grande desconfiança com alguns cidadãos de certas nacionalidades. Russos e alemães podiam sempre serem suspeitos de ser, respectivamente, comunistas e nazistas. A origem de Willems (1993, p. 31) não deixou de gerar suspeitas por parte dos americanos, que só garantiram o visto temporário após averiguarem que ele não era um “criminoso de guerra”.

Willems narrou em carta para Fernando de Azevedo suas primeiras impressões de Nashville. Apesar de longo, creio que vale a pena reproduzir um trecho da carta do antropólogo, uma vez que o texto é extremamente rico em impressões que ajudam a compreender a experiência na nova universidade. Escreveu o professor:

Cheguei a Nashville em meados de setembro. Felizmente as aulas começaram no fim desse mês, de modo que pude preparar-me convenientemente, alojando minha família e matriculando as crianças no High School. A 28 de setembro abriram-se os cursos. Você certamente pode imaginar o que significa dar aulas numa língua estrangeira. É verdade que me valeu a experiência do ano passado, mas mesmo assim o choque foi bastante forte. Faço tempo integral dando nove aulas semanais, a maioria sobre Brasil, mas também algumas puramente etnológicas e, além disso, um curso sobre antropologia física. Divido o tempo entre o Instituto de Estudos Brasileiros e o Departamento de Sociologia e Antropologia. Tive a satisfação de ser compreendido pelos alunos desde o primeiro dia, apesar do meu inglês meio gaguejado. Agora já dou aulas bastante fluentes, quase normais, embora naturalmente meu inglês ainda deixe muito a desejar.

Já se tem falado e escrito tanto sobre os Estados Unidos, mas parece-me que muitas particularidades na estrutura das universidades ainda não foram bem compreendidas. Você sabe que aqui o College

é parte da universidade, e esse fato é suficiente para distingui-la das universidades brasileiras, francesas, alemãs e, creio, europeias em geral (com exceção talvez das inglesas). Os dois anos do Junior College são comparáveis ao nosso velho Colégio Universitário, mas o Senior College é realmente de nível universitário contendo os cursos de introdução. Em confronto com o College, as escolas graduadas são pequenas, cabendo-lhes em geral um terço ou um quarto da matrícula total. O College é indispensável, pois a High School é geralmente de má qualidade. Perde-se muito tempo nesses doze anos de educação primária e secundária. É o tipo da “play-school” de país rico que se pode dar ao luxo de educar extremamente devagar. O freshman médio é ignorante, mas bem-educado, idealista e muito maleável.

As tradições universitárias, baseadas sobre o conceito da alma mater, são cultivadas com extremo cuidado e verdadeira dedicação. Mas em contraste com a Europa (exceto Inglaterra) e América Latina, procura-se realmente guiar e educar o aluno. A matrícula é feita pelos professores que atendem individualmente os alunos escolhendo-lhes os cursos e compondo-lhes o curriculum. Isso seria impossível, por exemplo, na Alemanha, pois estaria em contradição com a “liberdade acadêmica”. Felizmente, o nefasto sistema de seriação (invenção portuguesa) não existe aqui. Os alunos são constantemente observados e qualquer irregularidade na frequência e qualidade dos trabalhos escolares acarreta intervenções do Dean. Nas reuniões da Congregação discutem-se quase exclusivamente assuntos educacionais. As fraternities e sororities dos estudantes procuram complementar essa educação, e a universidade organiza anualmente um vasto programa de conferências, concertos, representações teatrais (em teatro próprio) e exposições de arte.

A Vanderbilt tem uma longa tradição no Sul. Ela é procurada de preferência pelos filhos das famílias abastadas e muitos pais e avós já se educaram nela. A instituição do “alumnus” (nos diríamos ex-alunos) é notável. Em regra, os ex-alunos continuam ligados à universidade e os ricos continuam patrocinando as fraternities e dando

consideráveis somas de dinheiro à universidade. No ano passado os alummini “renderam” 150000 dólares à Vanderbilt.

Naturalmente há deficiências. Uma delas é o football que absorve mais atenção e energia do que parece desejável. De outro lado ele representa uma excelente fonte de renda para as universidades. Muitos professores são demasiadamente especializados e a qualidade das aulas, do ponto de vista didático, não é frequentemente o que deveria ser, na minha opinião.

Nas ciências sociais predominam o mesmo espírito profissional que caracteriza as demais ciências. A pesquisa, a participação em congressos científicos e a organização dos cursos absorvem totalmente o interesse dos professores (Willems, 1949d).

Esse longo trecho da carta de novembro de 1949 apresenta algumas impressões interessantes do professor sobre os EUA, especialmente sobre o seu primeiro contato com a universidade. Para além da acomodação de sua família, fato esse que, apesar de geralmente ser considerado secundário, tem para Willems importância central, vemos como ele estava inseguro com o idioma inglês. O professor que dominava o alemão, o português, o francês, e que lia e escrevia em inglês, estava inseguro de ministrar os cursos nessa língua. A vontade de se comunicar em inglês era tamanha que, ao se mudar para os EUA, o professor combinou com Egon Schaden que os dois só se escreveriam nessa língua, para praticarem. Além disso, Willems nos narrou suas atividades docentes. Uma diferença interessante sobre a sua adaptação ao modo de ministrar suas aulas é revelada por ele. Segundo o antropólogo, havia uma indiferença geral nos EUA em relação à capacidade do ensino. No Brasil ele utilizava o que chama de estilo “latino” de lecionar, que enfatizaria a fluência e qualidades literárias, algo raramente encontrado nas conferências nos EUA. Segundo o professor, era comum a leitura de manuscritos com um tom monótono soporífero por parte de seus colegas, o que era difícil de suportar (Willems, 1993, p. 36).



Suas nove aulas semanais, em sua maioria sobre o Brasil, a divisão de seu tempo entre o Instituto de Estudos Brasileiros e o Departamento de Sociologia e Antropologia e o curso de Antropologia Física são temas importantes para compreendermos as atividades acadêmicas e diferenças na estrutura universitária nos EUA que serão desenvolvidas mais adiante. Estrutura universitária, aliás, que é o tema de várias linhas escritas na carta. O tema impressionou tanto Willems em suas “particularidades na estrutura ainda não bem compreendidas” que ele escreveu, em 1953, um artigo publicado na revista *Anhembí* denominado “Universidades norte-americanas”. O “college” universitário é descrito por Willems como um “organismo peculiar que desafia definições convencionais” (Willems, 1953a, p. 257). Segundo o autor, o ensino pré-universitário, que não existia enquanto unidade separada ou um apêndice da universidade, foi integrado pelo sistema educacional americano, gerando uma nova unidade que seria o colégio subgraduado, no qual se encontraria parte importante do sistema acadêmico americano.

Outro ponto apresentado pelo professor e que chama a atenção é a relação das fraternidades, ou de certas estruturas acadêmicas que só existiam nas universidades norte-americanas. Se nessa primeira carta Willems pareceu encantado com o efeito que a fraternidade, essa instituição acadêmica singular do sistema universitário naquele país, produzia nos alunos, em sua autobiografia de 1993 o autor mostra certa frustração com essas particularidades do ensino americano, que pode ser vista com o problema atribuído ao futebol. Segundo ele, o nível intelectual dos alunos estava aquém do esperado, e o professor atribuía tal fato ao, como veio a descobrir, conceito americano de “fun”. Para Willems (1993, p. 32), a ênfase na vida social das fraternidades e sororidades, demonstradas em festas, encontros, bebedeiras e sexo nos carros dos alunos, levava a maioria do corpo discente a escolher cursos que não requereriam muito esforço. No entanto, a primeira impressão do professor parece ser bem favorável ao modelo de ensino da universidade americana e ao estilo

profissional das ciências sociais, característica, segundo ele, das outras ciências, e que o agradou profundamente.

Chegando a Nashville em 1949, Willems se deparou com a sua primeira decepção com a Vanderbilt: T. Lynn Smith havia deixado a universidade para lecionar na Universidade da Flórida e, segundo Willems (1993, p. 31), a partida do líder do Departamento de Sociologia e Antropologia e diretor do Instituto de Estudos Brasileiros afetou o desenvolvimento de ambos os institutos. No entanto, isso não desanimou Willems sobre o desenvolvimento da universidade. Em carta escrita para Schaden, com quem não deixou de ter contato, mesmo tendo migrado para outro país, Willems (1949e, tradução minha) descreveu o crescimento da instituição:

Parece que o status da Vanderbilt está crescendo. Há alguns dias a Fundação Rockefeller destinou 1.200.000 dólares para o desenvolvimento de Escola de pós-graduação da Vanderbilt e quase ao mesmo tempo a Vanderbilt foi aceita pela Associação das Universidades Americanas. Isso significa que corresponde aos elevados padrões estabelecidos por essas instituições muito exclusivas.<sup>4</sup>

No entanto, em 1949 Willems lecionava para uma turma de aproximadamente 35 alunos, número considerado pequeno pelo professor. Para ele, todo o Departamento de Sociologia era relativamente pequeno (contava nesse momento com apenas cinco professores) e a antropologia correspondia a uma disciplina bastante reduzida no currículo (Willems, 1949c). Podemos perceber, dessa forma, que a grande expansão que se deu na

---

4 No original: “It seems as if Vanderbilt’s status were going up. A few days ago Rockefeller Foundation appropriated 1.200.000 dollars for the development of Vanderbilt’s Graduate School and almost at the same time Vanderbilt was accept [sic] by the Association of American Universities. This means that it corresponds to the high standards set up by this very exclusive institutions”.

academia dos EUA ainda não estava plenamente concretizada naquele momento, ao menos na universidade na qual Willems passou a lecionar.

De fato, como escreveu muitos anos depois, o Instituto de Estudos Brasileiros, instituto esse que gerou tanta expectativa em Willems (1993, p. 32) e que foi um dos motivos para aceitar a transferência para os EUA, acabou se tornando uma grande decepção. O financiamento da Carnegie Foundation, que deveria fornecer treinamento graduado em linguagem, história, economia, antropologia e ciência política sobre o Brasil, não passava de recursos para quatro ou cinco estudantes coletando dados no Brasil para suas dissertações, e para outros cinco ou seis na Vanderbilt. Além disso, Willems descobriu uma certa animosidade do resto da universidade para com o instituto. Aparentemente, a comunidade da universidade não havia sido consultada antes da criação deste. Na realidade, em 1952, o instituto deixou de existir. A verba da Carnegie Foundation não foi renovada, e os programas de pesquisa foram diluídos entre os departamentos da universidade. O grande plano de transformar a Vanderbilt em um centro de referência de estudos brasileiros sofreu um forte baque, mas serviria como base para o Centro de Estudos Latino-Americanos criado dez anos depois na mesma instituição e que “tornaria a universidade uma líder nos estudos sobre Brasil e América Latina”<sup>5</sup> (Furlong, 2008, tradução minha). Segundo Furlong (2008, tradução minha), “as universidades de todo o país depressa se apanharam nesta rica área de estudo iniciada na Vanderbilt. De acordo com Eakin, os estudos latino-americanos proliferaram nos campi durante a década de 1950 e especialmente depois de 1960”.<sup>6</sup>

---

5 No original: “Make the university a leader in Brazil and Latin American studies for years to come”.

6 No original: “Universities across the nation soon caught on to this rich field of study begun at Vanderbilt. Latin American studies mushroomed on campuses during the 1950s and especially after 1960, according to Eakin”.

Apesar da ida de Willems para os EUA pela primeira vez em 1948, ele continua vinculado como professor nas duas instituições de São Paulo nas quais por tanto tempo lecionou e, pelo menos até o ano de 1951, continua dividido entre regressar para as atividades no Brasil e permanecer nos Estados Unidos. Uma decisão que se mostra cheia de angústias, como fica claro nas cartas que envia para Fernando de Azevedo à época: “A única pessoa a que devo esta explicação: você fez com que entrasse na Universidade de S. Paulo e, desde então, durante 14 anos, você tem acompanhado as minhas atividades com a compreensão de um amigo sincero e leal” (Willems, 1950c). São diversas as razões apresentadas pelo professor para a decisão de deixar definitivamente o Brasil. Como mostro a seguir, mais do que a decepção intelectual pela repercussão negativa do livro *Cunha*, fato este que na realidade não encontra sustentação em momento algum nos escritos de Willems, o aspecto financeiro, tanto para a manutenção de Willems e de sua família quanto para a possibilidade de financiamento de suas pesquisas, além de problemas políticos na congregação da USP, foram preponderantes para a decisão final. Na realidade, uma análise das fontes ajuda a compreender a experiência precária que sentia possuir na academia brasileira e apenas torna mais pungente o fato de que, apesar das dificuldades enfrentadas nos EUA, Willems decidiu não retomar suas atividades docentes no país sul-americano. Antes de mais nada, Willems afirmava não sentir “nenhum prazer especial em viver nos US”, pelo contrário, sentia-se “como exilado” e deixou claro em sua autobiografia de 1993 que sua mudança nada teve da “realização de um sonho americano”, mas “pelo menos posso trabalhar aqui sem me preocupar constantemente com o aluguel da casa, contas de venda e taxas de colégio” (Willems, 1950c).

Em carta de 1<sup>o</sup> de junho de 1950, Willems anuncia sua decisão final a respeito da possibilidade de continuar nos EUA ou retornar ao Brasil. Curioso notar que nela aparece pela primeira vez a grafia “Brazil”, com Z, em seus escritos – forma americanizada de se referir ao país em que

viveu por tanto tempo e que passa a empregar com maior frequência a partir desse momento. Escreve o professor para o amigo Fernando de Azevedo, única pessoa a quem Willems “sentia que deveria dar explicações”, como mencionado acima:

Depois de longas e inúmeras hesitações vejo que já não posso adiar uma decisão a respeito de meu regresso. [...]

Está fora de qualquer dúvida que não posso voltar em julho. Há várias razões para isso, que vou expor uma por uma e com a maior franqueza possível. A razão decisiva e infelizmente eliminatória é minha situação econômica. Ela já se estava tornando insustentável no ano passado e contribuiu essencialmente para que me afastasse temporariamente do Brasil. Quero que você me compreenda: não estou me queixando de ninguém a não ser de mim mesmo. Cometi um erro de visão que não posso corrigir mais, pois é muito tarde para isso. Acreditava que fosse possível dedicar-me exclusivamente a uma carreira científica que desse a mim e a minha família um nível de vida aceitável, sem preocupações e privações exageradas. Pois esse foi meu erro. Depois de dez anos de luta e de tentativas de ajustamento compreendo que tenho vivido uma ilusão. Ciência mais advocacia, mais consultório médico, ou mais fábrica de macarrão (de pregos, de extinguidores de incêndio ou de qualquer outra coisa) é perfeitamente possível, mas ciência só é impossível, pelo menos para um pai de família com três filhos dependentes com aspirações educacionais acima do grupo escolar (Willems, 1950c).

Com uma rápida análise da correspondência de Willems é possível compreender algumas de suas angústias com relação à carreira acadêmica. Willems considerava o ordenado de professor das duas instituições em São Paulo insuficiente para manter sua família no Brasil – sobretudo depois de testemunhar a estrutura universitária norte-americana, a despeito das dificuldades que passou a conhecer no desenvolvimento do

projeto acadêmico na Vanderbilt. As impressões de Willems nos levanta questões sobre a importância de uma reflexão sobre a classe social dos professores universitários de então. O autor, no início de seu prefácio de *Latin American culture*, descreve o período em que aqui esteve como “um imigrante que enfrentava a difícil tarefa de ganhar a vida e criar uma família com o escasso rendimento de um professor” (Willems, 1975, p. xi, tradução minha<sup>7</sup>). Dessa forma, é possível vislumbrar a forma como o professor lidava com os problemas financeiros de sustentar sua família – mulher e três filhos pequenos – com o ordenamento de professor. Um professor que não possuía outros meios financeiros dificilmente conseguia manter uma família com os salários universitários, se nos basearmos na experiência de Willems e lembrarmos que também se angustiava com a questão da estabilidade, ainda não alcançada nesse período. Se, como vimos, Willems tentou realizar uma missão “ecumênica” no sentido de reunir USP e ELSP em um mesmo projeto científico, do ponto de vista de suas finanças pessoais as duas instituições eram realmente inseparáveis, nas palavras do professor:

A verdade é que com mulher e três filhos em idade colegial simplesmente não posso viver dos vencimentos que a Universidade me paga. Você mesmo é chefe de família e sabe que isso é praticamente impossível. Dou-lhe minha palavra de honra que não possuo propriedades nem quaisquer fontes de renda fora do que ganho com o meu trabalho. Minha resolução de afastar-me temporariamente do Brasil não foi inteiramente voluntária; foi em grande parte ditada pelo fato de que minha situação financeira se tinha tornado insustentável (Willems, 1951b).

---

7 No original: “An immigrant who had been facing the difficult task of earning a living and raising a family on the meager income of a teacher”.

No entanto, apesar da questão salarial ser um problema apresentado de forma constante, não foi só a ela que Willems atribui sua decisão de permanecer nos EUA. O financiamento de suas pesquisas e de seus projetos acadêmicos teriam nesse país uma chance maior de se concretizarem. Na mesma carta para Fernando de Azevedo, datada de 1º de junho de 1950, o professor escreveu:

Detesto lamúrias e não quero ser prolixo. A situação nua e crua é esta: não tenho dinheiro para financiar o nosso regresso em julho. Porém, quero ser absolutamente franco com você: mesmo se não houvesse esses intransponíveis obstáculos financeiros hesitaria em voltar agora. Estou certo de conseguir, dentro de alguns meses, uma bolsa substancial para ir a Portugal e fazer pesquisas que considero básicas para a continuação dos meus trabalhos no Brasil. [...] Nenhuma instituição brasileira poderia financiar um projeto como esse, mas aqui encontro essa possibilidade. [...]

Pois se voltar agora perco essa oportunidade e ficarei novamente imobilizado em S. Paulo, sem dinheiro para levar adiante meus planos de pesquisa.

Também o Instituto de Estudos Brasileiros precisa de mim (Willems, 1950c).

A diferença entre o investimento em pesquisa no Brasil e nos EUA deixava Willems inconformado com a situação da academia no país em que viveu por tanto tempo. Ao mesmo tempo que percebia o crescente interesse nas universidades americanas pela América Latina, notava a falta de verbas a que os estudos no Brasil estavam fadados.

O interesse pela América Latina está crescendo rapidamente. Charles Wagley está planejando uma grande pesquisa na Bahia. Para isso ele já conseguiu 200 contos do governo da Bahia, por intermédio do Anísio Teixeira. Bernhard Siegel de Stanford foi ao interior da Bahia

para realizar estudos de aculturação. No ano passado saíram quatro teses de doutoramento feitas por estudantes americanos em São Paulo. E que estamos fazendo? Não temos dinheiro para comprar uma passagem de ônibus a Itapeverica. É de desesperar. [...]

Sinto que da minha estadia nos US depende a continuidade das minhas pesquisas brasileiras. Tenho de ficar aqui até conseguir os recursos necessários. Além disso, o Instituto Brasileiro requer minha presença por mais alguns meses. Pouca coisa se pode fazer em três meses e minha saída no fim do ano anularia praticamente o que segui construir (Willems, 1949d).

Outro fator que aborrecia o professor em demasia na Universidade de São Paulo eram as disputas políticas internas do Conselho Técnico-Administrativo da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.<sup>8</sup> Como escreveu em correspondência para Florestan Fernandes em 1953: “Sabem os ‘ressentidos’ que certamente não estaria nos Estados Unidos agora se, entre 1946 e 1948, certos desenvolvimentos ‘burocráticos’ não tivessem enchido a medida do que estava disposto a tolerar? Mas são águas passadas e melhor é não tocar nelas!” (Willems, 1953c). As disputas, principalmente com o grupo ligado a Plínio Ayrosa, professor de etnologia, criavam uma instabilidade na situação profissional de Willems na USP, o que também acabava refletindo na disciplina de Antropologia. Dessa forma, com o afastamento de Willems para a Vanderbilt, a instabilidade

---

8 Não eram só as reuniões administrativas na USP que aborreciam o professor. Em suas memórias, Willems escreveu que achava pessoalmente inaceitável a condição esperada das faculdades americanas em participar em assuntos administrativos. Segundo o professor, ele “não tinha qualquer objeção às reuniões da faculdade e departamentais, mas havia uma proliferação de comitês para todos os tipos de propósitos, consumindo muito tempo e energia, muitas vezes sem nenhum resultado visível” (Willems, 1993, p. 37, tradução minha); no original: “I had no objection to faculty and departmental meetings, but there was a proliferation of committees for all kinds of purposes, consuming a lot of time and energy, often without any visible result”.



em torno da recém-criada cadeira 49 de Antropologia da USP e de seu ocupante pareceu aflorar, e a ideia de um concurso público para o posto, para suprir a necessidade de um quadro docente para a disciplina, ampliada pela ida do professor aos EUA, passou a ser ventilada. Um concurso, é importante destacar, que parecia ser pensado para a área de antropologia física, naquele momento ainda com certa centralidade na disciplina. Sobre o assunto, escreveu Willems (1949d):

De São Paulo ouvi estranhos rumores. A julgar pelo Estado de S. Paulo, uma nova onda de “extingue-te” se apoderou da universidade ameaçando institutos e cadeiras. E parece que meus amigos Plínio Ayrosa e Paulo Sawaya querem pôr a cadeira de antropologia em concurso. Ouvi também de outros concursos motivados por “conveniências administrativas”. Não sei o que se está passando, mas uma coisa é certa: se a Cadeira de antropologia for a concurso, em 1950, não poderei inscrever-me. A situação de absoluta penúria não foi removida até agora e enquanto ela perdurar, não poderei elaborar tese nenhuma. Espero poder continuar as minhas pesquisas com fundos que estou tentando levantar aqui, mas isso também não é coisa que se possa fazer em poucas semanas. E improvisar uma “tesezinha” qualquer é inteiramente contrário a meus princípios. Acho que deverei apresentar um trabalho que esteja pelo menos à altura das minhas publicações anteriores (o que não me satisfaria, pois sinto que posso fazer muito mais). Tenho a impressão que tudo isso não está sendo compreendido. Antes da minha partida um dos meus “amigos” me aconselhou que “medisse os alunos da Faculdade e fizesse minha tese sobre os resultados”. Respondi a ele que, em vez de investigar minhocas da Amazônia, tratasse de estudar os tico-ticos da Praça da República. Assim a Faculdade “sairia mais barata” ao governo.

O trecho acima revela duas questões para as quais gostaria de chamar a atenção. A primeira delas é o fato de Willems se recusar a fazer uma

“tesezinha” para prestar o concurso. Se algo pode ser dito de seus trabalhos, é que o professor sempre primou por apresentar uma pesquisa que fosse realmente satisfatória – sobretudo pelos seus próprios padrões, claramente altos. O professor critica, em outros momentos, a publicação de trabalhos em anais de congressos, recusando-se a escrever “qualquer coisa”<sup>9</sup> para ser publicado. Outra questão são as disputas em torno do trabalho na faculdade. Os trabalhos de antropologia física realizados pelo professor aparentemente nem sempre foram muito bem-vistos enquanto ele esteve no Brasil. A brincadeira sobre medir os alunos da faculdade para fazer uma tese iam em direção às críticas à segunda parte do livro sobre a cidade de Cunha, “Contribuição para o estudo antropológico da população de Cunha” (Willems, 1948b, p. 176-224), e levaram à exclusão dessa parte da segunda edição da obra em 1961. A insegurança provocada pelas disputas em torno do que iria ocorrer com a cadeira e as condições burocráticas pelas quais iria ter que passar se fosse candidato são analisadas por Willems em outro momento. Creio que uma longa citação é interessante para refletir sobre as formas como o professor se preocupava com o tema:

É verdade que o regime de tempo integral talvez resolva meu caso, mas a preparação de concurso leva tempo. Precisaria de um ano pelo menos para colher os dados e mais um ano para elaborar a tese. Tudo isso só na melhor das hipóteses. Além disso, parece-me que em 1949

---

9 Em carta para Florestan Fernandes em que Willems lamenta a ausência no “XXXI Congresso de Americanistas” realizado em São Paulo, o professor justifica que não enviaria um texto para o evento. Segundo Willems (1955d), “uma vez em Portugal, a contribuição de um estudo para o congresso também estava fora de questão. Não me posso acomodar à ideia de escrever ‘qualquer coisa’ somente por se tratar de congresso. Pelo menos 75% de tudo que se lê em congressos não vale a pena publicar. É publicado, no entanto, porque existe verba para esse fim, e assim as atas de congressos, em toda parte, estão cheias de contribuições cujo destino deveria ter sido a lata de lixo”.

não havia unanimidade no C.T.A. sobre se a cadeira deveria ser só de antropologia física ou se ambas as disciplinas, antropologia física e cultural, deveriam ser incluídas. É claro que essa dúvida deve ser completamente afastada antes mesmo da abertura de concurso. Quero deixar bem claro que não serei candidato a uma cadeira de antropologia física apenas. Também não me inscreveria em um concurso, aberto a dúvidas de interpretação e suscetível de obstrução ou anulação provocadas por uma resolução do Conselho Universitário ou Conselho Nacional de Educação. Sei que há mais de uma pessoa na Faculdade desejosa de provocar uma tal resolução. Como na lei federal a cadeira é denominada Antropologia e Etnografia, e a Etnografia foi separada da Antropologia na Universidade de S. Paulo, as possibilidades de uma interpretação desfavorável às orientações que tenho procurado imprimir à cadeira, são de 50:50. No momento, porém, essas são especulações inúteis. [...]

Tenho certeza agora que não desejo “continuar como contratado”. Fui contratado desde 1938 e já não me parecem aceitáveis as condições de instabilidade inerentes à posição de contratado. De outro lado, não estaria em condições de prestar concurso – na hipótese de ser admitido à sacra cerimônia de inscrição. Tenho compromissos que me obrigam, pelo menos para os dois próximos anos, a trabalhar em certos projetos que me interessam profundamente. Não posso nem quero interromper esses trabalhos para escrever tese e memorizar pontos de concurso. Pois seria isso mesmo. Nos últimos anos tenho trabalhado num campo bastante especializado; tive pouca oportunidade de me ocupar com as mil e uma questões que se costumam exigir em concursos. Isso se refere principalmente à antropologia física a que me dediquei muito pouco nos últimos três anos. Teria um trabalho enorme, com prejuízo de todas as minhas atividades atuais para tentar conseguir, com o grave risco de ser “reprovado” ou vencido por competidor mais forte, o que já tenho: estabilidade no cargo que ocupo.

Creio que, examinando objetivamente a situação, você há de convir comigo que tenho razão. Além do mais, prestar concurso de provas, com “pontos”, notas, medidas etc. é, pelo menos na minha idade, um pouco ridículo e bastante humilhante. Somente por uma necessidade inexorável sujeitar-me-ia a esse processo. É verdade que nunca pensei muito nesses aspectos, mas finalmente, um balanço completo e meticuloso da situação me obrigou a refletir sobre todos esses lados do problema.

Estou falando tão egoisticamente de mim mesmo que se poderia perguntar se minha família não influi nas minhas decisões. Fato é, porém, que consultei minha senhora e meus filhos. Tivemos conversas longas e animadas cujo resultado não me surpreendeu. Eles sentem que devo ficar aqui, em vez de me meter em aventuras cujos resultados são imprevisíveis. Naturalmente, minha senhora quer ficar perto da filha que se casou em setembro. O rapaz mais velho quer estudar engenharia e acha que tem mais facilidades aqui. Se voltar perderá pelo menos um ano para poder ingressar no colégio. O mesmo se dá com o menor. Em outras palavras: na hipótese de uma volta para S. Paulo, teria toda família contra mim. Sinto-me muito mal diante disso, pois não lhes poderia oferecer o padrão de vida que temos aqui, apesar do aumento de vencimentos... (Willems, 1951a).

O trecho nos mostra como uma série de fatores, velados ou não, fizeram com que o professor desistisse de se candidatar ao cargo. Com quase 50 anos, Willems não se submeteria ao que considerava uma humilhação, prestar um concurso. Aquele que foi o principal professor de antropologia da Universidade de São Paulo na década de 1940 agora teria que se apresentar a uma banca para provar que seria capaz de lecionar na mesma cadeira que ajudou a fundar. Os trabalhos prestados pelo professor na universidade não bastariam. Teria agora que se submeter a uma prova em que ser reprovado seria uma humilhação para o professor que já possuía a estabilidade acadêmica nos EUA.

Nota-se, aqui, outra diferença entre os modelos norte-americano e brasileiro de organização institucional. A ausência de “cadeiras”, nos EUA, era vista por Willems como um fator que contribuiria para manter a “elasticidade do sistema”. Dessa forma, “o número de professores ‘efetivos’ e contratados” variaria a partir das necessidades do ensino e da pesquisa e dos fundos de cada instituição, possibilitando que determinadas instituições atribuíssem importância a determinados campos específicos de estudo (Willems, 1953a, p. 261). As “necessidades” da Vanderbilt, nesse sentido, deixavam a desejar quanto ao estudo da antropologia. Um dos problemas apontados por Willems sobre a Vanderbilt foi exatamente a falta de estabilidade fornecida pela universidade americana, instabilidade diferente da que Willems sofreu no Brasil. Segundo o professor, a Vanderbilt não conseguia acompanhar o mercado acadêmico norte-americano. A universidade oferecia uma estrutura desejável para professores iniciantes e ambiciosos em seguir a carreira acadêmica, mas faltavam os recursos necessários para mantê-los (Willems, 1993, p. 37), já que outras instituições pagavam melhor. Relembrando a década de 1960, na qual houve uma grande expansão no sistema universitário americano, Willems afirmou que o mercado de trabalho era excelente, e as boas universidades superavam-se umas às outras por oferecerem cargos aos estudantes promissores. Nesse sentido, o professor afirmou que teria facilmente achado outro trabalho com melhor remuneração, caso estivesse interessado em se mudar da Vanderbilt. No entanto, estava satisfeito com sua vida em Nashville e, como único antropólogo no campus, estava livre para seguir seus interesses de pesquisa sem problemas (Willems, 1993, p. 37).

Como consequência desse modelo, no entanto, está o sistema baseado em uma lógica que Willem caracterizou com a expressão “publish or perish”, ou seja, em que os professores têm que “publicar acima de tudo” para se manterem competitivos – já naquele momento uma preocupação percebida no campo intelectual. Sobre esse sistema, Willems escreveu:

Assim como existe atualmente, esse sistema competitivo apresenta desvantagens óbvias. O professor que deseja fazer carreira precisa publicar acima de tudo. É a bibliografia que conta: publish or perish é o moto prevalecente que constitui, a um tempo, incentivo e perigo. A qualidade das publicações não sofre com esse princípio tanto quanto se tem afirmado frequentemente, pois a crítica, vigilante e severa, encarrega-se de separar o joio do trigo. Mas, inegavelmente, publica-se demais. Inúmeros congressos científicos em que cientistas novos e pouco conhecidos têm oportunidade de apresentar seus trabalhos, criam automaticamente a necessidade de publicar resultados. Congressos organizados para fins específicos e concorridos por especialistas de renome e geralmente atarefadíssimos, levam à preparação de estudos ad hoc. Esses estudos consistem, não raro, de repetições do que foi dito e escrito em outras ocasiões. Assim, não admira que a proporção entre qualidade e quantidade das publicações científicas nem sempre seja ideal. Em quase todas as ciências há figuras notáveis que fazem parte de tantas comissões, diretorias e conselhos que mal lhes sobra tempo para levar adiante seus próprios projetos de pesquisa. E o ensino naturalmente perece (Willems, 1953a, p. 261).

Jackson (2009b, p. 184) afirma que a atuação de Willems nas instituições das quais fez parte em São Paulo (USP, ELSP e revista *Sociologia*) logrou reuni-las temporariamente numa espécie de “projeto ecumênico”, em que alunos graduados na USP teriam realizado o mestrado na ELSP durante a década de 1940 sob sua influência. Defendo, no entanto, que o projeto ecumênico se estendeu para além do Brasil. A ideia de agregar pesquisadores ao seu redor migrou com Willems para a Vanderbilt e, durante muito tempo, o professor tentou montar nos EUA um braço que estivesse em constante contato com os pesquisadores brasileiros. Se na década de 1940 seu esforço era reunir os pesquisadores das duas escolas em São Paulo, a partir da década de 1950 passou a integrar a academia norte-americana nesse circuito. Como contou em carta em 10 de fevereiro de 1956 para Florestan Fernandes:

Muito obrigado pela carta de 18 de janeiro, particularmente pelas sugestões referentes a possíveis candidatos a bolsa de estudo da Vanderbilt. Peço considerar estas possibilidades como permanentes. Em outras palavras, o nosso convite continua em pé, ano após ano, e enquanto eu estiver aqui, o candidato (se for realmente bom) terá uma chance razoavelmente boa.

Se o Amadeu Lan[n]a está realmente interessado em Antropologia física ele não deve perder tempo. Creio que Michigan, Chicago, Harvard e Indiana oferecem boas oportunidades. Estou pronto para apoiar qualquer tentativa que ele fizer nesse sentido (Willems, 1956).

Além disso, Willems foi um forte incentivador para a ida de Florestan Fernandes à academia norte-americana. Ciente dos problemas que Fernandes passava na USP, sugere o alemão:

Compreendo os problemas de ordem moral (no sentido de “o” moral, naturalmente) que assaltam a gente no Brasil. Parece-me que você deveria sair um pouco desse ambiente em que a gente facilmente se transforma numa peça de mobília em que todo mundo se coça e dá pontapés. Se você quiser passar uma temporada nos Estados Unidos, farei de tudo que puder para ajudar-lhe. Creio que você teria uma boa chance na Guggenheim. Uma bolsa de \$2.500 mais seu ordenado e talvez uma bolsa para a viagem seria folgado para você e sua família. Também seria uma ótima experiência para sua senhora e a crianças. Pois pense no assunto... (Willems, 1954a).

O nome de Schaden também foi levado à academia dos EUA por Willems. O professor o sugeriu para David F. Aberle, que virara o novo editor de resenhas da *American Anthropologist* em 1953, para que Schaden tivesse contato com a revista e realizasse resenhas das monografias de Curt Nimuendajú e Robert Lowie sobre os Tukuna. Conforme afirmou Willems (1953b, tradução minha), “parece importante para mim ter seu nome na

A. A., e esse poderia ser um bom começo”.<sup>10</sup> Além disso, Schaden foi sempre um parceiro de Willems no envio de material antropológico. Os dois professores mantiveram contato, principalmente nos primeiros anos da ida de Willems aos EUA, e continuaram o hábito de realizar remessas postais com publicações importantes no período. Em carta de 1948, por exemplo, Willems (1948d) relata o envio de exemplares do *Boletim* da Faculdade de Filosofia da USP para os departamentos de antropologia de Harvard, Columbia, Yale, Princeton, Clark, Califórnia, Chicago, Michigan, Wisconsin e Texas, além de museus especializados.

Outro nome que teve sua aproximação com a academia norte-americana realizada a partir dos esforços de Willems foi Eunice Ribeiro Durham. Assistente de Schaden na Universidade de São Paulo, a professora realizou na Vanderbilt seus estudos pós-graduados como aluna de Willems. Durham foi extremamente elogiada na ocasião, sendo descrita por Willems (1955e, tradução minha) de maneira positiva: “Nunca vi uma pessoa ficar tão bem e tão rapidamente ajustada como a Eunice. Desde o primeiro dia, ela está completamente à vontade, e está indo muito bem nos seus estudos”.<sup>11</sup> Durham cursou uma série de disciplinas na Vanderbilt: *Economic Life of Primitive Societies* – Prof. Willems, *Social Structure and Dynamics of Structural Change* – Prof. Willems, *Seminar in Research Methods* – Prof. Reiss e *Seminar in Social Stratification* – Prof. Artis. E ainda realizou um seminário a pedido de Willems (Durham, 1956) sobre o livro *African political systems* (Fortes; Evans-Pritchard, 1940). O êxito que Willems via em Eunice Durham ao cursar as disciplinas nos EUA, inclusive, era encarado como preparando o caminho para

---

10 No original: “It seems important to me to get your name into the A.A., and this would be a good start”.

11 No original: “I have never seen a person getting so well and rapidly adjusted as Eunice. From the first day on she has been completely at ease, and she is doing very well in her studies”.



outros alunos brasileiros que também quisessem realizar um estágio na instituição.<sup>12</sup>

Com o estabelecimento definitivo de Willems nos EUA, eis que começa o período de professor visitante, ou, nas suas palavras, “professor itinerante” e “ambulante”, muito influenciado, também, pelo grande calor que assolava o Tennessee no verão. Nesse período, em que passou a integrar o quadro de professores na Vanderbilt, Willems também trabalhou como professor visitante na Universidade Estadual de Michigan e Universidade de Michigan (1952), na Universidade de Colônia em 1956, na Universidade da Califórnia, Berkeley (1957), na Universidade do Chile e Universidade Católica do Chile (1959), na Universidade Nacional da Colômbia (1962/1963)<sup>13</sup> e viajou realizando pesquisas e participando de congressos em Nova York e Boston (1949), Universidade de Washington (1950), Portugal (1954), México e Princeton (1955), Hamburgo, Munique, Mainz e Frankfurt (1956); Münster (1961), para citar apenas algumas das instituições e suas localizações.

Willems faleceu em 1997 na cidade americana que o acolheu e como professor emérito da universidade na qual se fixou desde a década de 1950. O “professor ambulante”, que passou por uma série de instituições, estabeleceu-se com sua família em Nashville e passou a fazer parte da classe média americana. Com seu óbito, a Universidade de Vanderbilt criou um

---

12 Sobre a impressão deixada por Durham na Vanderbilt e a possibilidade de receber novos alunos brasileiros na universidade, escreve Willems (1955f) para Fernandes na USP: “Conversarei com a Eunice Ribeiro sobre possíveis candidatos a bolsas da Vanderbilt para o ano próximo. [...] O nosso diretor, que é extremamente exigente e um crítico impiedoso, está satisfeitíssimo com ela. Este êxito inicial é vantajoso, pois pode preparar o caminho para outros alunos da Faculdade que quiserem vir. O nosso departamento aceita só um número limitado de estudantes, de maneira que aqui não há o problema de esperar em fila quando se quer falar com um professor. E esta é uma das desvantagens das grandes escolas”.

13 A estadia do professor na Colômbia resultou na publicação de dois estudos publicados no país (Willems, 1964b, 1965a).

acervo com o seu nome e um obituário em sua homenagem foi publicado, ressaltando-o como um “homem maravilhoso e amável, antropólogo conhecido e respeitável. Ele era de uma escola clássica de erudição na qual era versado em diversos idiomas e intimamente familiarizado com a cultura e tradições históricas de seu foco de pesquisa, que era a América Latina e especialmente o Brasil” (Gregor, 1997, tradução minha).<sup>14</sup> Na Alemanha, a *Kölner Zeitschrift für Soziologie und Sozialpsychologie* também publicou uma homenagem ao professor (Lüschen, 1998). No Brasil, não tenho notícias de que alguma nota tenha sido publicada na ocasião.

## Principais contribuições teóricas

Para além da importância institucional e como divulgador científico no país com a criação da revista *Sociologia*, a enciclopédia *Leituras sociológicas* (Willems; Barreto, 1940), e dois dicionários especializados, Willems se tornou referência para diversos campos de estudo. Como apresentado anteriormente, a obra antropológica do autor foi, assim como a sua trajetória de vida, tortuosa e variada. Foram trabalhos que poderiam ser enquadrados como teoria da comunicação; sociologia educacional; trabalhos sobre assimilação e aculturação; principalmente de imigrantes, mas não só, estudos de antropologia física, antropologia rural; antropologia da religião, especialmente sobre o protestantismo; os chamados *American studies*, entre outros. Apresento, a seguir, algumas das principais publicações do autor e a importância que tiveram para a formação de uma agenda de pesquisa na antropologia brasileira.

---

14 No original: “A wonderful, kind man, a very well-known and respected anthropologist. He was very much of a classical school of scholarship in that he was versed in several languages and intimately familiar with the culture and historical traditions of his research focus, which was Latin America and especially Brazil”.

## Aculturação

Emílio Willems foi um dos primeiros antropólogos no Brasil a realizar estudos sistemáticos com base no conceito de aculturação, considerando que era fundamental compreender esse processo em contextos como o brasileiro. De fato, o autor chega até a afirmar que “a história do Brasil é um único processo de aculturação” (Willems, 1945a, p. 145). É importante ressaltar, nesse sentido, que o antropólogo alemão é o autor de diversos estudos sobre o tema (Willems, 1941c, 1942b, 1943a, 1944, 1946, 1948a, 1949a, 1968a, entre outros). Se, desde a década de 1930, alguns estudos brasileiros com o viés culturalista boasiano já se utilizavam do conceito de aculturação, Willems foi o responsável por realizar pesquisas baseadas em trabalhos de campo sistemáticos. Como apresentado, a partir de seu trabalho de campo sobre a aculturação japonesa em Registro (SP), o pesquisador compreendeu que a realização de pesquisas extensas, seguindo o modelo de “field works”, tais como os que vinham sendo realizados nos EUA, seriam essenciais para desenvolver os seus estudos.

É preciso lembrar que, se por um lado Willems foi aluno de Thurnwald,<sup>15</sup> quando realizou seu doutorado em Berlim, e conhecia os estudos de mudança cultural alemães, por outro lado a adesão ao modo de fazer antropologia norte-americano, bem como a influência de Robert Redfield, Ralph Linton e Melville Herskovits (1895-1963),<sup>16</sup> são notórias. Conforme destacou o próprio autor, prosseguir os estudos de mudança cultural foi o que permitiu que ele se aprofundasse na literatura sobre aculturação que “se estava desenvolvendo rapidamente nos Estados

---

15 Thurnwald (1932) realizou estudos sobre mudança cultural e utilizou o conceito de aculturação em 1932 para pensar a “psicologia da aculturação”.

16 Sobre Herskovits, Willems escreveu no verbete de seu dicionário que “pela vastidão da obra de pesquisa realizada e pela argúcia e penetração das suas análises, Herskovits pode ser considerado um dos mais eminentes antropólogos contemporâneos” (Willems, 1950a, p. 75-76).

Unidos” (Corrêa, 2013, p. 322). Os trabalhos de Willems tiveram de fato uma ressonância importante dos estudos que estavam sendo praticados nos EUA. Em *Alguns trabalhos recentes sobre aculturação* (Willems, 1943a), por exemplo, destacou a importância dos trabalhos de Herskovits e Linton em suas reflexões, não só do memorando publicado pelos autores com Redfield em 1936, mas de publicações subsequentes. Nesse trabalho de 1943, o autor afirmou que “o desenvolvimento do estudo teórico da aculturação nos últimos anos prende-se a três publicações” (Willems, 1943a. p. 13): o memorando de 1936, publicação em que Redfield, Linton e Herskovits (1936) analisam as implicações teóricas do conceito, o livro *Acculturation*, de Herskovits (1938), e a coletânea de Linton (1940) e seus colaboradores, em que sete autores apresentam os resultados de um trabalho de campo visando o estudo de aculturação de “tribos” indígenas da América do Norte.

Em 1935, o Social Science Research Council (Conselho de Pesquisa em Ciências Sociais) designou um comitê para analisar os trabalhos realizados sobre a aculturação, as implicações teóricas do uso desse termo e também para explorar novas formas para investigações futuras. Como fruto desse comitê, os antropólogos responsáveis publicaram o *Memorandum for the study of acculturation* (Redfield; Linton; Herskovits, 1936). Esse memorando, que reconhecia a importância dos estudos sobre aculturação e as variações dos pontos de vista nos quais essa noção era utilizada, apresenta de forma sistemática a definição do conceito, bem como formas de abordar o problema, tipos de análise da aculturação, mecanismos psicológicos de seleção e integração de traços aculturados, e os resultados da aculturação. Não desenvolvo exaustivamente aqui o conteúdo das quatro páginas que compõem o memorando, mas reproduzo a seguir a definição do conceito, importante para minha análise. Segundo o memorando,

a aculturação compreende os fenômenos que resultam quando grupos de indivíduos com culturas diferentes entram em contato

contínuo em primeira mão, com alterações subsequentes nos padrões culturais originais de um ou de ambos os grupos. (NOTA: Segundo esta definição, a aculturação deve ser distinguida da *mudança cultural*, da qual constitui apenas um aspecto, e da *assimilação*, que é por vezes uma fase de aculturação. Deve também diferenciar-se da *difusão*, que, embora ocorra em todos os casos de aculturação, não só é um fenômeno que ocorre frequentemente sem a ocorrência do tipo de contato entre os povos especificado na definição dada acima, como também constitui apenas um aspecto do processo de aculturação) (Redfield; Linton; Herskovits, 1936, p. 149, tradução minha).<sup>17</sup>

Em texto posterior ao memorando, Herskovits escreveu um pouco mais sobre o desenvolvimento e aplicação do conceito. Em *Acculturation: the study of culture contact* (Herskovits, 1938, p. 2, tradução minha), o autor mostrou como, “apesar da ênfase recente na investigação entre povos cujas culturas estão num estado de fluxo, ou onde se pode determinar historicamente que o contato produziu uma cultura de múltiplas origens, o reconhecimento do significado desse tipo de dados não tem nada de particularmente novo”.<sup>18</sup> Segundo o autor, a palavra “aculturação”, que designaria melhor estudos desse tipo, teria já uma história respeitável e,

---

17 No original: “Acculturation comprehends those phenomena which result when groups of individuals having different cultures come into continuous first-hand contact, with subsequent changes in the original cultural patterns of either or both groups. (NOTE: Under this definition, acculturation is to be distinguished from *culture-change*, of which it is but one aspect, and *assimilation*, which is at times a phase of acculturation. It is also to be differentiated from *diffusion*, which, while occurring in all instances of acculturation, is not only a phenomenon which frequently takes place without the occurrence of the type of contact between peoples specified in the definition given above, but also constitutes only one aspect of the process of acculturation)”.

18 No original: “Despite recent emphasis on research among peoples whose cultures are in a state of flux, or where it can be historically determined that contact has produced a culture of multiple origins, recognition of the significance of this kind of data is nothing particularly new”.

em 1928, foi definida pelo dicionário de Webster como “a aproximação de uma raça ou tribo humana para outra na cultura ou nas artes por contato”, sendo revisada em 1934 para “a aproximação de um grupo social a outro na cultura ou nas artes por contato; a transferência de elementos culturais de um grupo de pessoas para outro” (Herskovits, 1938, p. 2, tradução minha).<sup>19</sup>

Em texto em que discute a importância do livro de Herskovits citado acima, Malinowski (1939) também comenta os estudos de aculturação segundo “an American approach”. Dando ênfase inicial aos trabalhos de mudança cultural realizados na Europa, o autor afirma que a importância da aculturação como um objeto de pesquisa foi reconhecida em muitos países onde os negócios coloniais foram práticas importantes (Malinowski, 1939). No entanto, discorre sobre a importância dos estudos de Herskovits, afirmando que esses são úteis contribuições ao trabalho que se está desenvolvendo recentemente para observar os contatos culturais e suas mudanças (Malinowski, 1939, p. 48).

De fato, o conceito de aculturação tomou tanta centralidade e importância na literatura americana que, em 1953, quase vinte anos depois da publicação do memorando, o Social Science Research Council realiza um seminário sobre aculturação (“Summer Seminar on Acculturation”). O texto resultante desse seminário, intitulado *Acculturation: an exploratory formulation*, publicado na *American Anthropologist* no ano seguinte, começa com um novo balanço da utilização do conceito. Segundo os autores do texto, o fenômeno da aculturação continuaria tendo largo interesse entre os antropólogos. De tal forma que a cada ano “novas pesquisas e programas aplicados estão sendo formulados para o estudo mais aprofundado

---

19 No original: “The approximation of one human race or tribe to another in culture or arts by contact [...] the approximation of one social group of people to another in culture or arts by contact; the transfer of cultural elements from one group of people to another”.

dos fenômenos e para a possível aplicação dos conhecimentos para questões práticas” (Acculturation [...], 1954, p. 973, tradução minha).<sup>20</sup>

De maneira geral, para os autores e autoras que tiveram como referência essa agenda teórica, mas também mais especificamente no caso da obra de Emílio Willems, pensar a utilização do conceito, principalmente em relação aos estudos rurais, pode ser revelador. Se, conforme aponta Mormont (1990, p. 21), a sociologia rural deveria devotar alguns de seus esforços para estudar como exatamente as sociedades rurais resistiram ao mundo externo, mas, ao invés disso, a maior parte de seu trabalho focava os mecanismos de mudança, adaptação, e integração na sociedade moderna, vemos que o conceito de aculturação está, mesmo que indiretamente nesse caso, presente na orientação paradigmática adotada. Uma vez que os estudos sobre o rural vislumbraram por muito tempo o fim iminente do campesinato, ou qualquer que seja a categoria dada aos sujeitos em questão, a aculturação é um conceito que está associado diretamente a esse processo, tal como compreendido nessa perspectiva. Ou seja, como assimilação e perda cultural.

No *Dicionário de etnologia e sociologia* (1939) produzido por Willems em parceria com Herbert Baldus, o conceito de aculturação também ganha uma definição. Nesse verbete, aculturação é definida a partir de uma citação de Herskovits utilizada também por Arthur Ramos (1937, p. 384 *apud* Baldus; Willems, 1939, p. 18), como compreendendo “aqueles fenômenos resultantes de contato, direto e contínuo, dos grupos de indivíduos de culturas diferentes, com mudanças consequentes nos padrões originais culturais de um ou ambos os grupos”.

Anos mais tarde, Willems produz um novo dicionário, dessa vez voltado somente à sociologia (Willems, 1950a). Nesse novo dicionário

---

20 No original: “New research and applied programs are being formulated for further study of the phenomena and for possible application of the knowledge to practical affairs”.

elaborado pelo autor, a definição de aculturação ganha uma nova roupagem e é apresentada da seguinte forma:

**Aculturação.** Designa mudanças na cultura de dois ou mais grupos quando postos em contato direto e contínuo. Contatos dessa natureza implicam geralmente a transmissão de certos elementos da cultura material e não material de uma sociedade a outra. Todavia, a transmissão vai precedida por uma seleção que implica a aceitação de alguns e a rejeição de outros elementos culturais [...]. Muito comum também é a modificação de elementos aceitos. É frequente a desintegração [...] de uma ou várias culturas, sob a influência dos contatos que se estabelecem entre os seus portadores. Após uma fase de desintegração e conflitos [...], acompanhada de desorganização [...] social, ocorre a reintegração que pode envolver o desaparecimento, total ou parcial, das configurações anteriores e a fusão de certa parte de seus elementos numa configuração nova. É óbvio que os processos aculturativos afetam as pessoas que representam o substrato humano das culturas em contato. No que diz respeito às mudanças das personalidades atingidas, é preferível o termo *assimilação*. Vide *assimilação*,<sup>21</sup> *socialização*, *nacionalização*, *brasilização*, *acomodação*, *ajustamento*, *aclimação*, *amalgamação*, *miscigenação* (Willems, 1950a, p. 1-2).

É possível afirmar, sem correr o risco de imprecisão, que Willems teve importante papel na difusão de determinados conceitos sociológicos no país. Sendo o fundador da primeira revista especializada na área, a revista *Sociologia*, em 1939, bem como autor de dois dicionários com verbetes sobre etnologia e sociologia, e sendo professor de duas instituições de

---

21 Sobre o conceito de assimilação, Truzzi (1992, p. 518) interpretou a utilização dele no Brasil, criando uma separação em três períodos distintos, entre eles, o uso “propriamente acadêmico e estritamente associado a uma interpretação cultural do termo a partir dos anos quarenta, inaugurado provavelmente com a obra de Emílio Willems, e que se prolongou até pelo menos os anos setenta”.



ensino superior em que viria a formar grande parte dos intelectuais paulistas, USP<sup>22</sup> e da ELSP,<sup>23</sup> o professor teve papel fundamental na difusão de alguns conceitos-chave utilizados em ciências sociais nesse período, como o da aculturação. Principalmente conceitos ligados aos estudos sobre o mundo rural.

Apesar de não se utilizar do conceito de aculturação em *Cunha* (Willems, 1948b), mas analisar a mudança cultural a partir de outras ferramentas teóricas, o primeiro estudo de comunidade realizado no país nos revela a preocupação com o tema. Embora seja a única vez que utiliza o termo, eis que Willems iniciou o seu texto da seguinte maneira:

Nos últimos vinte anos vêm-se multiplicando as pesquisas antropológicas dedicadas ao estudo de comunidades que não podem ser consideradas “primitivas”. De modo geral, essa dilatação do horizonte da Antropologia prende-se ao fato de ter sido meramente convencional a restrição das investigações anteriores aos chamados “primitivos”. No arsenal metodológico da ciência do homem não existe recurso nenhum que não possa ser aplicado a comunidades “civilizadas”. Aliás, a *aculturação* gradativa de um número cada vez maior de sociedades tribais e o desaparecimento de muitas outras são fatores que teriam limitado

- 
- 22 Como já descrito, o programa de aulas do curso de Antropologia datado do ano de 1943 para os alunos da faculdade era composto por: “1 – A Antropologia: conceito e delimitação; 2 – O problema da formação das raças; 3 – Raça, mentalidade e cultura; 4 – Seleção e peneiramento; 5 – Contatos raciais e culturais; 6 – Exemplos de cruzamentos raciais; 7 – O problema do negro na América; 8 – *Aculturação e assimilação*; 9 – Conflitos raciais e culturais: o homem marginal; 10 – A assimilação dos imigrantes no Brasil; e *Exercícios práticos: estudos aculturativos no Estado de São Paulo*”(Guia [...], 1943, p. 179-180, grifo meu).
- 23 Como professor da ELSP nas disciplinas de *Assimilação e Aculturação no Brasil Meridional* (1941); *Assimilação e Aculturação entre os Imigrantes Alemães no Brasil Meridional* (1942); *Sociedade Urbanas e “de Folk”* (Divisão de Estudos Pós-Graduados, março-maio 1948); *Comunidades Rurais em São Paulo* (setembro-novembro 1948); entre outras.

sensivelmente os objetivos da Antropologia se os seus representantes não se houvessem lembrado, em boa hora, de alargar o campo de trabalho incorporando-lhe pesquisas sobre comunidades que até então pareciam reservadas à Sociologia (Willems, 1948b, p. 5, grifo meu).

É possível perceber como Willems recuperou o conceito na forma de pensar a antropologia. A aculturação de sociedades tribais levaria o interesse do antropólogo a outros campos de pesquisa, reservados classicamente à sociologia. Com isso, o autor parece borrar as fronteiras estabelecidas entre a sociologia e antropologia, nunca rígidas na atuação do pesquisador.

Em *A aculturação dos alemães no Brasil*, Willems (1946) publicou o que seriam seus maiores estudos sobre aculturação. O livro escrito com base nas observações do autor nos anos em que morou no sul do país apresenta o desenvolvimento do conceito de aculturação entre os imigrantes<sup>24</sup> observado durante a década de 1930, ou seja, a partir de uma pesquisa de campo prolongada. Segundo Willems, anos depois, em relato a Mariza Corrêa (2013, p. 320),

naquele tempo o estudo científico de contatos culturais estava na primeira infância, e o famoso memorando sobre aculturação seria lançado somente em 1935.<sup>25</sup> Parecia-me então que a convivência estreita e contínua de grupos culturalmente diferentes não podia deixar de produzir mudanças mais ou menos incisivas. Brusque oferecia o cenário de uma população em pleno processo de aculturação e, baseado em observações diárias durante mais de três anos, achei confirmação abundante da hipótese de inevitabilidade de tais mudanças.

---

24 Sobre a contribuição e críticas dos estudos de imigração de Willems, ver Seyferth (1988, 2011).

25 Apesar de o memorando ter sido publicado em 1936, foi o resultado de um comitê designado em 1935 pelo Social Science Research Council para estudar o assunto.

Nesse trabalho, a família teuto-brasileira torna-se, na visão de Willems, um novo padrão econômico no Sul brasileiro, baseado no trabalho da pequena propriedade agrícola. Desse modo, como aponta Voigt (2007, p. 201), o imigrante alemão, por seu isolamento, não teria sofrido grande aculturação nas colônias agrícolas, mas teria sido, pelo contrário, um grande inovador cultural no Brasil. Isolamento é uma questão fundamental aqui, da mesma forma que a escolha da cidade de Cunha para a pesquisa foi seu suposto isolamento, assim como a Ilha de Búzios, em outro estudo (Willems; Mussolini, 2003). Além disso, é preciso lembrar que Seyferth (1988, p. 32) afirma que a obra de Willems sobre os alemães no sul do país é “ponto de partida e principal fonte de outros trabalhos antropológicos e sociológicos que tratam do mesmo tema<sup>26</sup> – a assimilação de imigrantes”.

Outro grupo de imigrantes que foi pesquisado por Willems foi o dos japoneses. Saito e Maeyama (1973, p. 8), em *Assimilação e integração dos japoneses no Brasil*, também afirmam que é a partir da década de 1940 que “desperta o interesse real pelo estudo do grupo japonês” pelos antropólogos e sociólogos, atribuindo a Willems papel de destaque nesse momento. Segundo os autores,

como um dos primeiros antropólogos no Brasil, de formação sólida, Willems havia terminado sua monumental obra sobre aculturação dos alemães (1947) e, ato contínuo, iria estender suas pesquisas ao grupo japonês, cujo intento não chegou a ser cabalmente cumprido, primeiro devido à situação anormal reinante durante e após a Grande Guerra e, em segundo, por sua transferência para os Estados Unidos. Assim, a década de 1940 terminou como uma fase pioneira dos estudos sobre japoneses no Brasil (Saito; Maeyama, 1973, p. 8).

---

26 Apesar de não se utilizar do referencial teórico do autor, Ellen Woortmann (1995) utiliza os dados de Willems em abundância em seu estudo sobre os colonos do Sul.

De fato, como prefaciou Willems (1946) em *A aculturação dos alemães no Brasil*, o estudo da aculturação dos japoneses e seus descendentes seria o foco de seus estudos. Sobre esse assunto, Willems publicou, em parceria com Baldus, “Cultural change among Japanese immigrants in Brazil” (Willems; Baldus, 1942), além de “Shindô-Renmei: um problema de aculturação” (Willems; Saito, 1947), escrito em parceria com Hiroshi Saito, “Aspectos da aculturação dos japoneses no Estado de São Paulo” (Willems, 1948a) e “The Japanese in Brazil” (Willems, 1949b). No que diz respeito ao estudo das comunidades japonesas no Brasil, eis que é atribuído a Willems mais uma vez um papel de pioneirismo, dessa vez também pela literatura norte-americana. No texto *The Acculturation of the Japanese immigrants in Brazil*, de Yukio Fujii e T. Lynn Smith (1959, p. 54, tradução minha), os autores iniciam as notas bibliográficas da seguinte forma:

Os primeiros estudos sérios sobre os japoneses no Brasil foram feitos por Emílio Willems numa série de artigos sobre os japoneses em São Paulo. O seu trabalho de pesquisa, que começou pouco depois de 1940, concentrou-se na comunidade japonesa no distrito de Registro. Ele e seus associados dedicaram especial atenção aos aspectos aculturativos do vestuário, habitação e dieta. A homogamia japonesa e o conflito cultural também receberam atenção.<sup>27</sup>

Interessante ressaltar, do trecho acima, a menção não só a Willems, mas também a seus “associados” realizando pesquisa empírica em Registro. Fato marcante e presente ao longo de todos os projetos de Willems é o caráter aglomerativo do professor em torno de suas pesquisas. Como

---

27 No original: “The first serious studies of the Japanese in Brazil were made by Emilio Willems in a series of articles dealing with the Japanese in São Paulo. His research work, which began shortly after 1940, was concentrated on the Japanese community in the Registro district. He and his associates paid particular attention to the acculturative aspects of dress, housing, and diet. Japanese homogeneity and cultural conflict also received attention”.

apontado, um grande número de pesquisadores, em sua maioria estudantes, eram constantemente levados a campo, sob orientação do professor, para ajudar na coleta de dados e para aprender a realizar uma pesquisa. O exemplo mais marcante dessa experiência formativa colaborativa é *Cunha*, em que constam como assistentes de pesquisa nomes que viriam a ser referências em seus respectivos campos. Da mesma forma, o professor também foi acompanhado de alunos da Escola Livre de Sociologia e Política na Ilha de Búzios, e, antes de seu trabalho sobre os protestantes no Brasil e no Chile, escreveu para Fernando de Azevedo se oferecendo para treinar alunos da FFCL em seu trabalho de campo. É importante também lembrar que os estudos sobre a assimilação dos imigrantes japoneses em São Paulo, que se iniciam em 1941, também tiveram o acompanhamento de Herbert Baldus, bem como de assistentes e alunos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, bem como da Escola Livre de Sociologia e Política, sendo que esta última instituição custeou a viagem para o Vale do Ribeira.

Willems, já em 1941, havia elaborado um plano geral de estudo nas áreas colonizadas do estado de São Paulo, mas com a entrada do Japão na Segunda Guerra Mundial teve que abandonar o trabalho de campo, contando apenas com os questionários que havia coletado nas escolas primárias do estado. Como escreve o pesquisador a respeito, “já estava com as malas prontas para prosseguir nas minhas pesquisas de campo na zona de Lussanvira quando rompeu a guerra entre o Japão e os Estados Unidos. Em vez de estimular estudos aculturativos, como nos Estados Unidos, as condições criadas pelo estado de guerra tiveram, entre nós, efeitos opostos, tornando praticamente impossível qualquer trabalho de campo” (Willems, 1980, p. XI). Dessa forma, Willems apresenta aqui uma diferença importante entre a forma de lidar com os estudos aculturativos nos EUA e no Brasil. Segundo Willems, se, no primeiro país, uma avalanche de cursos novos e estudos foram incentivados a partir da guerra, no Brasil o trabalho de campo entre imigrantes foi impedido pelo governo,

ainda mais estudos realizados por um pesquisador alemão em comunidades com imigrantes japoneses. Em consonância, Peixoto (2001, p. 511) mostra como “é a experiência da guerra que dá um novo impulso aos programas de investigação e ao treinamento de antropólogos nos EUA”.

O estudo de Willems sobre a aculturação dos japoneses repercutiu, também, na imprensa americana. O jornal *The Des Moines Register*, da cidade de Des Moines, Iowa, publicou em 1949 uma reportagem sobre a imigração japonesa utilizando como base o artigo de Willems na revista norte-americana *Far Eastern Survey* (Willems, 1949b), ressaltando como o estado policial criado em relação aos imigrantes certamente não funcionaria como política pública. Consta no artigo:

Os Estados Unidos têm agora vergonha da forma histórica como tratamos a nossa minoria nipo-americana nos primeiros anos da guerra, mas será que já ouviram falar do Brasil? A experiência do Brasil foi uma espécie de caricatura da América, com resultados ainda mais estranhos.

Lembra-se das histórias de como centenas de japoneses brasileiros estavam convencidos de que o Japão tinha ganhado a guerra, muito depois da rendição, e tinham se deslocado do interior para o litoral para “receber a marinha japonesa vitoriosa”?

Agora um cientista social brasileiro, Dr. Emílio Willems, da Universidade de São Paulo, escreveu os antecedentes desse bizarro incidente para a revista *Far Eastern Survey*, para que faça sentido<sup>28</sup> (Police [...], 1949, tradução minha).

---

28 No original: “Police State Method didn’t work: The United States is now ashamed of the hysterical way in which we treated our Japanese American minority in the early years of the war, but have you heard about Brazil? Brazil’s experience was a sort of caricature of America’s, with even weirder results. Remember the stories about how hundreds of Brazilian Japanese were convinced that Japan had won the war, long after the surrender, and made their way from the interior to the coast to ‘welcome the victorious Japanese navy’?”

O papel de Willems enquanto difusor de conceitos utilizados na academia norte-americana também teve ressonância nas pesquisas de seus alunos que embarcaram nos estudos do contato cultural. Florestan Fernandes foi um dos alunos de Willems que desenvolveu estudos sobre a aculturação de imigrantes. Ele o faz primeiramente com uma resenha do livro de Willems (Fernandes, 1949), mas também publica uma série de artigos sobre a aculturação dos sírio-libaneses em São Paulo (Fernandes, 1956, entre outros). Conforme apontou Florestan Fernandes (1958, p. 49),

Na investigação das culturas transplantadas pelos imigrantes a contribuição da etnologia tem sido bem menor que a da sociologia. Por enquanto, somente Emílio Willems tentou descrever e interpretar, de forma sistemática, os problemas de dinâmica cultural que caem nesta área. Os focos teóricos de seus trabalhos sobre a aculturação de alemães no sul do Brasil ou sobre a aculturação de japoneses em São Paulo são variados e complexos.

De fato, Fernandes tinha planos de seguir os projetos de pesquisa sobre a aculturação dos sírio-libaneses. Tanto que, em 1950, Willems, em Nashville à época, escreveu sobre o assunto para seu antigo aluno. Segundo Willems, no “espólio deixado pelo T. Lynn Smith” para a Vanderbilt, quando esse se transferiu para a Flórida, havia um estudante na faculdade americana que estaria realizando sua tese de doutoramento sobre os sírios no Brasil. Clark Knowlton (1919-1991) era aluno de Willems na Universidade de Vanderbilt e obteve uma bolsa de estudos pela universidade para ir ao Brasil. Sobre seu período na Vanderbilt, recordou Knowlton (2013a, tradução minha):

---

Now a Brazilian social scientist, Dr. Emilio Willems of the University of São Paulo, has written up the background of this bizarre incident for Far Eastern Survey magazine so that it makes sense”.

De todos estes professores, o Dr. Emílio Willems foi o que mais me influenciou. Um imigrante alemão no Brasil depois da Primeira Guerra Mundial, ele tinha gradualmente feito nome na antropologia no Brasil. Convidado à Vanderbilt pelo Dr. T. Lynn Smith, ele veio para a universidade para permanecer. Tive a sorte de ele se interessar consideravelmente pelo meu trabalho e foi de grande ajuda para mim como presidente da minha comissão de doutoramento. [...] As atividades do Instituto Brasileiro, liderado por Smith, trouxeram à Vanderbilt vários estudiosos brasileiros, estudantes de pós-graduação e até o presidente brasileiro, General Dutra. Smith anunciou que havia aceitado um cargo na Universidade da Flórida em julho de 1948, chocando seus alunos de pós-graduação. Depois de deixar o Instituto Brasileiro, ele ressequiu. A maioria dos professores e estudantes de pós-graduação trazidos à Vanderbilt por Smith partiram pouco depois. Eu sobrevivi através da minha estreita amizade com o Dr. Emílio Willems e porque muitos dos professores estavam gratos a Ruth por fazer o seu trabalho.<sup>29</sup>

Willems, apesar da reticência a aceitar a orientação de um aluno no meio da pesquisa, venceu seus “escrúpulos iniciais” em orientar uma tese com uma “herança deixada por outrem, com métodos e interesses um tanto

---

29 No original: “Of all these teachers, Dr. Emilio Willems influenced me the most. A German immigrant to Brazil after World War I, he had gradually made a name for himself in anthropology in Brazil. Invited to Vanderbilt by Dr. T. Lynn Smith, he came to the University to remain. I was fortunate in that he took considerable interest in my work and was of great assistance to me as chairman of my Ph.D. committee. [...] The activities of the Brazilian Institute, headed by Smith brought a number of Brazilian scholars, graduate students, and even the Brazilian president, General Dutra to Vanderbilt. Smith announced that he had accepted a position at the University of Florida in July, 1948, stunning his graduate students. After he left the Brazilian Institute withered away. Most of the faculty and graduate students brought to Vanderbilt by Smith left shortly afterwards. I survived through my close friendship with Dr. Emilio Willems and because so many of the faculty were grateful to Ruth for doing their work”.



diferentes”, reconhecendo as qualificações de Knowlton e passando a orientá-lo. Entretanto, sobre o tema, pediu ajuda a Florestan:

Estou lhe escrevendo tudo isso porque você tem trabalhado sobre os sírios e talvez pretenda ainda fazer sua tese sobre eles. Daí a conveniência de esclarecer certos aspectos. Não creio que Knowlton seja um competidor para você. Ele está principalmente interessado em aspectos demográficos e ecológicos. A assimilação dos sírios como problema aparece só numa parte do plano. Naturalmente contei a ele que você estava fazendo um trabalho e, provavelmente, ele vai procurar você para pedir sugestões (Willems, 1950b).

A resposta ao pedido de Willems não tardou e, duas semanas depois, Florestan Fernandes escreveu que nada tinha a objetar. Segundo Fernandes (1950), “o campo está aberto a todos e parece normal que outros estudiosos se interessem pelo assunto”. Além disso, colocou-se à disposição para “prestar-lhe graciosamente a sua modesta cooperação, no caso de ser solicitada”. No entanto, não é o que narrou Knowlton em sua autobiografia. Segundo o americano, durante os primeiros meses em que se estabeleceu em São Paulo para realizar a pesquisa, deparou-se com um sério problema: quando chegou à cidade descobriu que Florestan Fernandes se ressentia da vinda de um estudante americano invadindo o seu campo. No entanto, com a visita de Knowlton a Fernandes em 12 de abril de 1951 na FFCL, os dois viraram amigos rapidamente, assim como suas esposas, e o intelectual brasileiro “eliminou graciosamente as suas objeções ao meu estudo” (Knowlton, 2013b, tradução minha),<sup>30</sup> como depois lembrou o americano.

---

30 No original: “Graciously removed his objections to my study”.

Interessante contextualizar, aqui, o fato de Florestan Fernandes não ter seguido suas pesquisas sobre o assunto e tampouco ser conhecido por elas. O sociólogo brasileiro iria defender o seu doutorado sobre *A função social da guerra na sociedade tupinambá* em 1951, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, mas revelou que a ideia inicial era realizar o seu doutoramento com um trabalho sobre sírios e libaneses, mas que desistiu da ideia porque “não podia fazer a pesquisa nas condições de trabalho acessíveis a partir da Universidade [de São Paulo], pois não dispunha dos recursos necessários” (Fernandes, 1975, p. 43). Com isso, manteve o seu estudo sobre os Tupinambá sobre o qual já havia escrito sua dissertação de mestrado na ELSP. No entanto, o trabalho sobre os sírios e libaneses permaneceu sendo desenvolvido em segundo plano e foi só com o pedido de Bastide para que o ajudasse com os estudos sobre relações raciais tendo como foco os negros que Fernandes deixou de lado os estudos anteriores. Dessa forma, a suposta competição entre Fernandes e Knowlton sugerida pela carta de Willems, em que ambos os pesquisadores em fase de doutoramento se interessariam pelo mesmo campo de pesquisa, não se concretizou.

Assim, a contribuição de Willems nos estudos de assimilação e aculturação de Fernandes é chave em seu programa de pesquisa e teria se firmado como um “modelo a ser seguido”. No campo dos estudos sobre imigração, Piza (2012) mostra como a aculturação permaneceu como referência de trabalho até a década de 1960, quando uma perspectiva teórica alternativa e crítica ao conceito de aculturação é desenvolvida por Eunice Durham. Utilizando-se da importância destacada por Seyferth (2004, p. 7-8, 33 *apud* Piza, 2012, p. 35) da obra de Willems para a “formatação dos estudos de comunidades imigrantes predominantes nas ciências sociais até a década de 1970 não apenas em São Paulo, mas em todo o Brasil”, Piza (2012) aborda o que chama de uma “continuidade crítica” de Durham e Ruth Cardoso – ainda na década de 1960, por romperem com a ideia de aculturação. Interessante notar aqui que, ao realizar

disciplinas com Willems na Vanderbilt, Eunice Durham (1957), como escreve em carta para Schaden em 1957, acreditava que seu professor alemão “colocaria obstáculos em aceitar o trabalho de Descalvado<sup>31</sup> como tese para o Master”, pois ele acharia que “os trabalhos sobre aculturação ou assimilação” estariam “fora de moda”. Ou seja, no final da década de 1950 Willems já percebia o declínio desse tipo de fundamentação teórica e orientava, mesmo dos EUA, a mudança de abordagem da então estudante de mestrado da USP.

Outro aluno de Willems e seu sucessor na cadeira de Antropologia da USP, Egon Schaden, também se utilizou do conceito em suas pesquisas, primeiramente para estudos sobre imigrantes e depois para povos indígenas.<sup>32</sup> Na etnologia indígena brasileira, o conceito de aculturação permaneceu sendo empregado ao longo de algumas décadas. Segundo Roberto Cardoso de Oliveira (1964, p. 14),

---

31 A família de Eunice Durham era de Descalvado, cidade do interior de São Paulo com forte tradição italiana. Foi lá que a antropóloga fez sua pesquisa de campo para o desenvolvimento de seu mestrado, *Mobilidade e assimilação: a história do imigrante italiano num município paulista* (Durham, 1964).

32 Segundo José Maurício Arruti (1997, p. 12), mesmo durante as décadas de 1960 e 1970, grupos que tinham sido considerados como extintos e que durante a década de 1930 e 1940 retomaram a reivindicação de suas identidades continuavam sendo pensados como exemplos de assimilação, aculturação, e proletarização descaracterizadores, e que os estudiosos permaneceriam “presos ao diagnóstico básico do iminente desaparecimento, da decadência cultural e da desagregação”. Além disso, como nos mostra o autor, a configuração que se delineou para os estudos sobre comunidades negras rurais a partir de 1980 convergiu, assim como os estudos sobre grupos indígenas, para o abandono das noções de aculturação e assimilação (Arruti, 1997, p. 14). Da mesma forma, no texto de Pacheco de Oliveira (1998, p. 67) “Uma etnologia dos ‘índios misturados’” o autor afirma que “a antropologia brasileira registrou nas décadas de 50 e 60 preocupações inovadoras e reflexões bastante originais diante de problemáticas e padrões de trabalho científico colocados em prática naquele momento nos centros metropolitanos de produção e consagração da disciplina”, dentre elas a crítica aos estudos de aculturação e ao conceito de assimilação.

a etnologia moderna conta com diversas tradições de estudo do fenômeno das relações entre povos de culturas diferentes, fundadas – essas tradições – em pontos de vista específicos. [...] Nesse sentido, duas tradições imediatamente se impõem: a britânica, conhecida por “social change studies”; e a norte-americana, divulgada pelos “acculturation studies”. Ambas, e principalmente a segunda, marcaram presença no Brasil, influenciando as pesquisas aqui conduzidas sobre o mesmo tema.

Pesquisador dos povos guarani, Schaden se utilizou do conceito na etnografia que produziu<sup>33</sup> e publicou, entre outros textos, no artigo “Aculturação e assimilação dos índios do Brasil” (Schaden, 1967) e *Aculturação indígena* (Schaden, 1969). Levando-se em consideração, como aponta Cardoso de Oliveira (1964, p. 22),<sup>34</sup> que “a influência norte-americana sobrepuja as demais”, em que as teorias de aculturação “fascinaram os etnólogos e os circunscreveram a sua problemática”, a importância de Willems e de seu sucessor em estabelecer o parâmetro de análise que seria seguido é fundamental. Sobre a utilização do conceito, Schaden se aproxima da

---

33 A etnologia brasileira também bebeu na fonte do conceito da aculturação e assimilação, tendo trabalhos como a “Aculturação indígena no Rio Negro” (Galvão, 1959) e *O processo de assimilação dos Terêna* (Cardoso de Oliveira, 1960) como exemplos que valem a pena ser destacados. É importante lembrar, ainda, que os estudos de Roberto Cardoso de Oliveira sobre o impacto do contato dos povos indígenas com a sociedade nacional foram inicialmente influenciados e orientados por Florestan Fernandes, que refletia naquele momento sobre a integração das populações afrodescendentes à sociedade de classes, e que foi seu orientador na USP.

34 Essa publicação é chave para a substituição dos conceitos de aculturação e assimilação na etnologia indígena. Nesse texto de Cardoso de Oliveira (1964, p. 128), o pesquisador introduz a ideia de uma *fricção interétnica* que seria “o contato entre grupos tribais e segmentos da sociedade brasileira, caracterizados por seus aspectos COMPETITIVOS e, no mais das vezes, CONFLITUAIS, assumindo esse contato muitas vezes proporções ‘totais’ envolvendo toda a conduta tribal e não tribal que passa a ser moldada pela situação de fricção interétnica”.

posição adotada por Willems ao apontar a importância da pesquisa empírica e aplicada. Segundo o autor,

a antropologia aplicada se defronta muitas vezes com problemas práticos oriundos do contato entre unidades étnicas regidas por padrões diferentes. A solução desses problemas se inclui mesmo entre as suas tarefas mais importantes. Os estudos de aculturação são, por isso, os que maior interesse despertam a partir do momento em que se deixa de considerar o estudo do homem como preocupação exclusivamente teórica (Schaden, 1967, p. 7).

## Antropologia aplicada

Uma questão importante a ser ressaltada é o caráter da aplicação do conceito de aculturação. Conforme aponta Bastide (2009, p. 35), a “Antropologia Aplicada nasceu (mesmo que, em seguida, tenha expandido seu campo) dos estudos sobre a aculturação; ela surgiu quando a aculturação, de livre, passou a planejada”. A ideia de uma antropologia aplicada desenvolvida nos EUA em diálogo com a noção de mudança cultural provocada tem nos estudos de aculturação uma ferramenta fértil para se desenvolver e teve, com Emílio Willems, um papel fundamental na definição de uma agenda científica em meados do século passado no Brasil. Como afirma Peixoto (2001, p. 511), é a “experiência da guerra que dá um novo impulso aos programas de investigação e ao treinamento de antropólogos nos EUA e que após 1941, aponta Stocking, começa-se a falar em ‘antropologia aplicada’ [...]”. Willems comenta esse impulso aos programas de investigação e treinamento de antropólogos americanos a partir da experiência da guerra. Escreveu o professor:

A última guerra foi conduzida simultaneamente em todos os continentes e oceanos. Os exércitos aliados entraram em contato com

adversários e populações civis de muitas raças e culturas diferentes. Conhecimentos pormenorizados sobre a psicologia dos povos mais diversos, sua organização social, as relações que mantinham entre si, as ideias que haviam desenvolvido sobre os aliados, suas maneiras de conduzir a guerra, os métodos administrativos, políticos, econômicos e educativos que deviam ser postos em prática em territórios libertos ou conquistados e muitos outros problemas ainda surgiram que levaram à mobilização de centenas de especialistas em todos os campos das ciências sociais, sobretudo nos Estados Unidos. O que na primeira guerra mundial foi apenas um sonho de alguns idealistas, tornou-se realidade na segunda: antropólogos, economistas, sociólogos, psicólogos e geógrafos empenharam-se a fundo nas tarefas que lhes foram confiadas, dando o melhor de seus esforços não somente para a condução da guerra, mas sobretudo para a obra de reconstrução e reorganização de territórios ocupados.

Esta participação foi, ao mesmo tempo, uma experiência valiosa. Percebeu-se, antes de mais nada, a necessidade de coordenar o esforço de vários especialistas para o estudo adequado de áreas geográficas e culturalmente definidas. Reafirmou-se assim a velha ideia da pesquisa conjunta da qual participariam especialistas de todas as ciências sociais (Willems, 1948c, p. 305-306).

Dessa forma, Willems mostrou como as pesquisas dos diversos campos das ciências sociais tiveram, nos esforços de guerra, um terreno fértil para se desenvolverem, sendo que o seu caráter aplicado e também de conjunto foram dois dos pilares decisivos, o que vai ao encontro da visão que o próprio autor assumiu das ciências sociais.

Em “O problema rural brasileiro do ponto de vista antropológico”, Willems (2009) analisou algumas formas de abordar o que, para alguns especialistas da época, seria “o problema rural”. Segundo o autor, que tem como referência o conceito de “continuum rural-urbano” tal como desenvolvido por Robert Redfield, traçando uma reta pelo país, “numa extremidade está a metrópole moderna representando um tipo de

civilização urbana”, ao mesmo tempo que “acompanhando a reta, depara-se com um tipo de cultura rural estreitamente ligado à cidade”, até finalmente chegar às “populações caboclas cuja vida parece decorrer em um mundo diferente do nosso” e que “pouco ou nada as liga ao mercado urbano”(Willems, 2009, p. 187-188). A crença no que os especialistas denominavam de “problema rural brasileiro”, em face de um contexto de urbanização crescente, poderia ser resolvida, dessa forma, com a intervenção dos poderes públicos nessas populações. Com isso, a contribuição da antropologia deveria ser a de fornecer o conhecimento da cultura cabocla,<sup>35</sup> pois a sua visão objetiva, segundo Willems (1943c, p. 23), seria a condição mais rudimentar para aquilatar as dificuldades e consequências de uma intervenção organizada.

No entanto, conforme afirmou o autor, “infelizmente ainda está tudo por fazer neste terreno. Conhecemos mal a cultura cabocla, de modo que os poucos dados colhidos até hoje têm de ser valorizados pela comparação com outras culturas sertanejas da América a fim de obtermos pelo menos alguns característicos gerais” (Willems, 1943c, p. 23). Conforme afirma Lima (2013, p. 252), esse princípio de intervenção proposto por Willems tinha estreita ressonância com o proposto por Herskovits em sua obra, em que buscava a reconstrução nos estudos monográficos de um *background* histórico das populações locais por questões que permitissem o posterior estabelecimento de comparações e um programa extensivo de pesquisa. Nesse sentido, em uma perspectiva claramente aplicada, deveria ser realizado um programa de pesquisa em que fossem combinados a pesquisa monográfica e estudos comparativos para a formulação de leis científicas para a subsequente intervenção dos poderes

---

35 Ao longo da obra de Willems é possível observar uma variação na utilização da categoria, algo significativo na reflexão. Se em determinados momentos o autor se utiliza de “caboclos”, “caipiras”, “sertanejos”, “folk”, ou “rústicos”, a categoria “camponês” passa a figurar em seus escritos a partir da década de 1960.

públicos. É nesse sentido que uma reflexão sobre os estudos sobre a aculturação pode auxiliar na análise aqui empreendida.

Ao propor um papel aplicado da antropologia pelos poderes públicos, Willems foi em direção à atuação de especialistas em outros países. Para o autor, essa investigação “nada tem de novo ou de extraordinário em outras partes do mundo” (Willems, 2009, p. 203). Nos EUA, por exemplo, Willems identificou que os especialistas em sociologia rural cooperariam, “intimamente, com os departamentos técnicos e administrativos dos governos federal e estaduais, para a solução de certos problemas rurais” (Willems, 2009, p. 203). Nesse sentido, a parceria de Willems com Carlos Borges Schmidt, diretor de Publicidade Agrícola – que era um órgão da Secretaria de Agricultura Indústria e Comércio do estado de São Paulo –, é significativa, já que, como indica Jackson (2009b, p. 183), “o apoio estatal [...] na edição de seus escritos indica um dos pontos de sustentação de Emílio Willems no campo intelectual paulista nos anos de 1940”, uma vez que, tanto “O problema rural do ponto de vista antropológico” (Willems, 2009) como *Cunha: tradição e transição em uma cultura rural do Brasil* (Willems, 1948b) foram publicados respectivamente em 1944 e 1948 pelo mesmo órgão.

Ao resenhar o livro de Schmidt (1946), *O meio rural*, Willems acentuou a forma de intervenção proposta pelo autor, em pleno acordo com o que o próprio Willems sugeria. Segundo o professor,

o autor exige a ação imediata, mas sempre *pari passu* com o exame metucioso dos fatos. Os planos devem estar de acordo com as possibilidades reais do presente: planos dispendiosíssimos aplicados a populações inadequadamente preparadas implicariam num fracasso certo (Willems, 1942a, p. 193).

Em 1945, Willems foi nomeado pela resolução estadual n. 144 de 15 de janeiro, como membro de uma comissão, a serviço do governo do estado,



incumbida de estudar as “condições de habitação rural no Estado de São Paulo” (Anuário [...], 1953b, p. 660). Além disso, no início da década de 1940, estava sendo implantado no estado paulista o plano de criação de um Internato Agrícola, que planejava afastar os educandos de seu meio tradicional e que era visto pelas autoridades como a solução para os problemas rurais brasileiros. Tal plano estava por trás das preocupações de Willems ao publicar “O problema rural do ponto de vista antropológico” (Willems, 2009). Sobre esse plano de intervenção, continuou Willems:

Carlos Borges Schmidt recomenda, acertadamente em tese, “a ação educacional primária mediante uma fórmula de *escola rural*, ativa, que se amolde às condições do meio, não só inerentes à natureza, mas no próprio sentido do rumo que devem tomar as empresas agrícolas”. Estou de inteiro acordo com o autor quanto à inutilidade ou até perigo que representa “a alfabetização pura e simples”. Estamos fartos de saber que a atual escola que de rural só tem o nome, tem sido um instrumento de desajustamento e êxodo, não só no Brasil. [...] Todavia, parece que a maioria dos nossos educadores ainda não divisou a gravidade do problema, pois continua-se combatendo o “analfabetismo” na convicção de se haver encontrado na arte de ler e escrever uma receita mágica capaz de remover tudo aquilo que é considerado mal (Willems, 1942a, p. 194).

Segundo Willems, a aculturação de elementos humanos constituiria outro objetivo de estudo entre antropólogos e sociólogos nas áreas rurais. E a “sua solução científica deverá obedecer a um plano semelhante ao que acima deixei traçado. Também os estudos aculturativos terão de começar por monografias regionais ou locais cujo número há de corresponder exatamente às áreas habitadas por imigrantes ou seus descendentes” (Willems, 2009, p. 204). Nesse sentido, o debate de Willems sobre os conceitos de aculturação e assimilação “não deve

ser visto como exercício diletante” como nos mostra Nísia Trindade Lima (2013, p. 252). Segundo a autora, fica evidente nos trabalhos de Willems sobre a aculturação e assimilação de imigrantes e sertanejos a preocupação do autor em assegurar maior uniformidade cultural, e se sobressai o caráter político das ciências sociais do período em torno da mudança cultural, em que se tratava “de uma sociologia e de uma antropologia que aspiravam a se constituir em bases de pedagogia de transformação do caboclo, do imigrante *acaboclado* e de outros atores sociais, de ruptura com o multissecular processo de transmissão cultural” (Lima, 2013, p. 253).

Em 1954, mesmo ano em que defendeu o seu doutoramento em sociologia, apresentando a tese *d’Os parceiros do Rio Bonito*, Cândido apresentou no “XXXI Congresso de Americanistas” o trabalho intitulado “L’état actuel et les problèmes les plus importants des études sur les sociétés rurales du Brésil”. Nesse trabalho, Cândido analisou a produção sobre o rural produzido até então e afirmou:

E nós aqui chegamos finalmente a esses, isto é, aos estudos visando uma forma dominante e sistemática a organização social e a cultura. Nesse domínio, como em outros, a iniciativa deveu-se a Emílio Willems, que foi talvez o primeiro a levar no meio rural uma investigação projetada de acordo com os conceitos e técnicas da antropologia moderna. Ele quis, em sua obra sobre Cunha, aplicar no Brasil os procedimentos em voga pelos antropólogos norte-americanos nos estudos de comunidade.

Sua obra soara nova para nós, pelo chamado decidido à pesquisa de campo e pela visão integrada dos fenômenos culturais, com tudo o que essa atitude comporta de ruptura com o amadorismo e as generalizações fundadas sobre as análises fragmentadas. Deve-se tomar seu estudo da festa do Espírito Santo para compreender até que ponto ele nos liberta do tom jornalístico e de toda a tirania do pitoresco, incorporando os estudos do folclore rural à antropologia e à sociologia.

A influência de Willems não poderia ser mais feliz, no sentido de uma marcha decidida para a pesquisa empírica (Cândido, 1955, p. 325-326, tradução minha).<sup>36</sup>

Considerando a importância de Willems para a adoção de novos métodos de pesquisa e sua influência para uma “marcha decidida para a pesquisa empírica” [...] (Cândido, 1955, p. 326), principalmente sobre o rural brasileiro, eis que os estudos sobre aculturação levados a cabo pelos antropólogos norte-americanos e empregados aqui ganham mais relevo para pensarmos sobre a consolidação da pesquisa antropológica no Brasil. Segundo Willems, nota-se nos estudos aculturativos desenvolvidos por Herskovits e Linton que “o problema teórico foi desenvolvido em contato estreito com a ‘prática’” e que “felizmente não existe, no caso dos estudos aculturativos, uma tradição embaraçante e acadêmica, de maneira que a teoria pode ser desenvolvida sem entraves históricos e discussão estéril de doutrinas obsoletas, *pari passu* com a pesquisa de campo” (Willems, 1943a, p. 15). Mais uma vez o pesquisador se posiciona a favor de um modelo teórico e prático em que se alinha aos EUA, rejeitando as “doutrinas obsoletas” europeias.

---

36 No original: “Et nous voilà arrivés finalement à celles-ci, c’est-à-dire, aux études visant d’une façon dominante et systématique l’organisation sociale et la culture. Dans ce domaine, comme ailleurs, l’initiative revient à Emilio Willems, qui fut peut être le premier à mener dans le milieu rural une investigation conçue d’après les concepts et les techniques de l’anthropologie moderne. Il voulut, dans son oeuvre sur *Cunha*, appliquer au Brésil les procédés en vogue parmi les anthropologues nord-américains pour l’étude des communautés. Son oeuvre sonnait neuf chez nous, par l’appel décidé à la recherche sur place et l’aperçu intégratif des phénomènes culturels, avec tout ce que cette attitude comporte de rupture avec l’amateurisme et les généralisations fondées sur des analyses fragmentaires. On n’a qu’à prendre son étude de la fête du Saint-Esprit pour comprendre jusqu’à quel point il nous délivrait du ton journalistique et de toute la tyrannie du pittoresque, en incorporant les études de folk-lore rural à l’anthropologie et à la sociologie”.

Coube a Willems realizar essa ruptura com o amadorismo e as generalizações fundadas sobre análises fragmentárias realizadas anteriormente sobre o campo e impor uma nova forma de trabalho científico. Aqui, a crítica é aos ensaios de interpretação do Brasil vigentes durante a década de 1930 e aos quais os estudos de Willems viriam a se contrapor com suas pesquisas empíricas sistemáticas. Na mesma direção de Cândido, Willems publicara em 1944 que:

É impressionante que no meio de uma verdadeira avalanche de publicações *não haja entre nós um trabalho sequer* que trate do “problema rural brasileiro” com aproveitamento pleno dos recursos da moderna Antropologia cultural. As causas são conhecidas mas não pretendo abordá-las aqui. Basta dizer que sem exame metuculoso nenhum diagnóstico será possível. Não há quem duvide desta verdade, mas haverá muitos que duvidem da necessidade, da utilidade ou mesmo possibilidade de um diagnóstico antropológico (Willems, 2009, p. 20).

A partir dessas afirmações, nota-se, entre outras coisas, uma aproximação com os estudos financiados nos EUA pela Smithsonian Institution, agência responsável pela cooperação entre pesquisadores norte-americanos com instituições latino-americanas. Em um estudo sobre a história da instituição, Figueiredo (2010, p. 245) traz à tona o memorando “Alguns valores práticos da Antropologia”, que defende a “aplicação do conhecimento antropológico de povos, grupos sociais e culturas específicas ao planejamento e à política de intervenção tendo em vista a resolução dos problemas atuais enfrentados pelas sociedades modernas”. Nesse contexto, “a aposta era que os estudos ajudassem a entender como as inovações afetavam a organização social, o sistema cultural e o modo de vida dos grupos atingidos, e pudessem, desta forma, contribuir para a eficácia das intervenções, para o aumento da capacidade de adaptação às mudanças e para a minimização do impacto que essas acarretam” (Figueiredo, 2010, p. 246). Mesmo atribuindo a relação entre a instituição

e a pesquisa no Brasil aos pesquisadores associados Pierson e Kalervo Oberg, a autora não deixa de observar que o projeto também tem ressonância em Willems, sendo uma “tendência ampla que dizia respeito à própria agenda das ciências sociais brasileiras do período e sua conexão com o desenvolvimento” (Figueiredo, 2010, p. 266).

## Estudos de comunidade

Inspirado pelo trabalho de Redfield, o primeiro estudo de comunidade realizado no Brasil (Willems, 1948b) também está claramente alinhado com um modelo de pesquisa elaborado na academia norte-americana. Como nos mostra o autor no prefácio do livro, são várias as obras citadas e que “sem ligar às unilateralidades ou resíduos doutrinários porventura existentes nas obras deste ou daquele autor (que o identificariam como membro de uma determinada ‘escola’) o presente trabalho propõe-se investigar uma comunidade rural do Brasil, com os recursos metodológicos que se encontram amplamente empregados” (Willems, 1948b, p. 6). Willems afirmou que não se prende a “escolas”, mas tornou claro, na escolha das obras que serviram de modelo para o estudo, a forte influência da chamada Escola de Chicago, principalmente a partir da orientação de Radcliffe-Brown, que lecionou na Universidade de Chicago de 1931 a 1937 e que entre 1942 e 1944 foi colega de Willems como professor da ELSP. As obras: *Tepoztlan: a Mexican village* (Redfield, 1930), *Chan Kom, a Maya village* (Redfield; Rojas, 1934), *The folk culture of Yucatan* (Redfield, 1941), *St. Denis: a French Canadian parish* (Miner, 1939), *Suye Mura, a Japanese village* (Embree, 1939) e *Acculturation among the Japanese of Kona, Hawaii* (Embree, 1941) são modelos a que o autor confere a existência, em grande medida, à orientação do “mestre de Oxford”, Radcliffe-Brown, no Departamento de Antropologia da Universidade de Chicago. Além disso, é preciso mencionar o impacto das obras de “um dos discípulos mais antigos do antropólogo de Oxford”, W. Lloyd Warner, professor de

antropologia da Universidade de Chicago, autor de *A Black civilization: a social study of an Australian tribe* (Warner, 1937), e organizador da coleção Yankee City Series (cf. Warner, 1941), bem como de seus discípulos que vieram a ocupar cadeiras em diversas universidades americanas, como Conrad Arensberg, em Harvard, autor de *The Irish countryman, an anthropological study* (Arensberg, 1937) e de *Family and community in Ireland* (Arensberg; Kimball, 1940), e também Allison Davis, Burleigh B. Gardner e Mary R. Gardner, autoras de *Deep South, a social anthropological study of caste and class* (Davis; Gardner, 1941). Além desses, em cujas obras a influência da Escola de Chicago aparece de forma clara, ainda é possível ressaltar outros intelectuais e suas obras: Robert e Helen Lynd, autores de *Middletown* (Lynd; Lynd, 1929) e *Middletown in transition* (Lynd; Lynd, 1937), Guy R. Johnson (1930), autor de *Folk culture on St. Helena Island*, Hsiao-Tung Fei (1939), autor de *Peasant life in China: a field study of country life in the Yangtze Valley*, e James West (1945), autor de *Plainville, U. S. A.* Herskovits, além dos já citados estudos sobre aculturação, aparece como referência com os textos *Life in a Haitian valley* (Herskovits, 1937) e *Trinidad village* (Herskovits, 1947). Assim, o autor parecia estar atento à produção antropológica norte-americana, sobretudo aquela do grupo de intelectuais ligado à chamada Escola de Chicago, para realizar esse estudo seminal de uma comunidade brasileira.

Um dos aspectos mais conhecidos da obra de Willems e que gerou uma série de estudos na academia brasileira diz respeito aos polêmicos “estudos de comunidade” no Brasil. Willems, sendo o primeiro pesquisador a empregar esse método no país com seu trabalho sobre Cunha, sofreu diversas críticas ao publicar seu livro e alguns trabalhos recentes apontam para a disputa e crítica em torno desse referencial teórico e modelo de investigação (cf. entre outros Jackson, 2009a; Oliveira; Damasceno, 2009; Oliveira; Maio, 2011).

Como apresentado, Willems foi um leitor da literatura ensaística brasileira e os estudos de comunidade aparecem na bibliografia das ciências

sociais brasileiras como centrais na contraposição a tal literatura. Oliveira e Maio (2011) mostram bem a importância dos estudos de comunidade no desenvolvimento das ciências sociais no país. Ao reconstruírem algumas das questões do debate gerado pelos estudos na academia brasileira, os autores mostram como eles foram lidos como uma superação da literatura ensaística vigente. Partindo do texto de Oracy Nogueira (1955), por exemplo, apresentam que um dos primeiros aspectos da contribuição dos estudos de comunidade seria “caracterizado pelo esforço intelectual de superação da produção sociológica anterior ao processo de institucionalização dessas ciências, considerada conjectural e não científica” (Oliveira; Maio, 2011, p. 534), ou seja, os estudos de comunidade, por sua preocupação com a pesquisa empírica sistemática, apareceriam como um contraponto ao ensaísmo nas ciências sociais brasileiras. Dessa forma:

Os Estudos de Comunidades estão, pois, vinculados a certo momento do desenvolvimento das ciências sociais no país, tendo constituído um esforço de se contrapor e superar trabalhos considerados de caráter ensaístico, em que prevaleciam interpretações gerais sobre a sociedade brasileira (Oliveira; Maio, 2011, p. 531).

O caráter empírico atribuído aos estudos de comunidade, mas que, como enunciado, já estava presente em outros trabalhos de Willems anteriores a *Cunha*, teria dado a tônica dos novos estudos socioantropológicos na década de 1940 e também na década de 1950, substituindo o modelo ensaístico de grandes explicações sobre o Brasil. Segundo Goldwasser (1974, p. 74),

operando uma revisão crítica da tradição acadêmica que os precedia, os Estudos de Comunidade, por seu embasamento empírico, se figuravam então como a alternativa mais legítima para a substituição dos modelos explicativos anteriores, contestados como conjecturais e paracientíficos.

Dessa forma, é possível compreender como os estudos de comunidade iniciados no Brasil por Willems, mas que pulularam<sup>37</sup> no final da década de 1940 e 1950, foram importantes na formação de uma geração de intelectuais. Como apontam Oliveira e Damasceno (2009, p. 254), “independentemente da variedade destes estudos”, foram vários os estudos de comunidade realizados nos anos seguintes, sendo o “Projeto do Vale do Rio São Francisco”, coordenado por Pierson, e o “Programa de Pesquisas Sociais Estado da Bahia – Universidade de Columbia”,<sup>38</sup> coordenado por Wagley, os mais representativos. “É inegável sua importância na formação dos cientistas sociais brasileiros. É nesta tradição de pesquisa que se formam as primeiras gerações de antropólogos e sociólogos saídos das escolas de graduação e pós-graduação dos cursos de ciências sociais do país” (Oliveira; Damasceno, 2009, p. 254).

No entanto, se a tradição dos estudos de comunidade ajudou a formar uma geração, isso não ocorreu sem críticas ao modelo adotado. A importância da polêmica em torno do uso desse tipo de pesquisa no Brasil é tão forte na bibliografia que, conforme aponta Jackson (2009b), a liderança acadêmica que Willems possuía na década de 1940 começaria

---

37 Charles Wagley (1954, p. 4) identifica em 1954 que “nos últimos dez anos, mais de 20 estudos de comunidades têm sido realizados tanto por cientistas sociais brasileiros, como por estudiosos estrangeiros dedicados ao assunto no Brasil”. Dentre os estudos citados por Wagley, estão os livros de Willems *Cunha* (Willems, 1948b) e *Buzios Island* (Willems; Mussolini, 1952); o trabalho de Lucila Herrmann (1948) em Guaratinguetá; o estudo de Donald Pierson (1951) sobre Cruz das Almas; e o trabalho do próprio Wagley (1953) em uma comunidade amazônica. Além dessas publicações, outras ainda não publicadas e os dois grandes projetos (o projeto do Vale do São Francisco e o programa Bahia-Columbia) são lembrados pelo autor.

38 Nesse projeto foram realizados os estudos de comunidade: *Vila Recôncavo: a sugar plantation community of the northern coast of Brazil* (Hutchinson, 1952); *Minas Velhas: a study of urbanism in the mountains of Eastern Brazil* (Harris, 1952); entre outros.



a ser abalada a partir da dura crítica a *Cunha* em resenha de Caio Prado Jr. (1948-1949) e que se seguiu entre outros autores, inclusive por alunos de Willems que estiveram presentes no trabalho de campo em Cunha, como Florestan Fernandes e Gioconda Mussolini. Amparando-se principalmente nas resenhas nacionais feitas sobre o estudo de Cunha na época de sua publicação (Franco, 1963; Holanda, 1979; Ianni, 1961; Mussolini, 1955; Nogueira, 1955; Prado Jr., 1948-1949; Wagley, 1954), Jackson (2009a) mostra como as disputas teóricas em torno de tais métodos de pesquisa eram também disputas políticas entre os dois modelos de ciências sociais, o modelo uspiano e o da ELSP. Essas críticas se centrariam no que os autores consideravam ser um empirismo exagerado de *Cunha*, que denotaria uma ausência de preocupações teóricas. Ao analisar as críticas, principalmente as oriundas dos pesquisadores ligados à Universidade de São Paulo em torno dos estudos de comunidade, Jackson (2009a, p. 273) salienta o que seria uma “imbricação profunda entre ciência e política que caracterizou os decênios de institucionalização das ciências sociais em São Paulo”. Assim, a disputa entre as diferentes concepções de ensino e pesquisa da USP e da ELSP, em que o referencial teórico dos estudos de comunidade aparece politizado pelas resenhas críticas que o livro de Willems sofreu, levaria a uma recepção aquém do esperado pelo autor alemão e foi, segundo Jackson, um dos motivos de sua ida para os EUA.

Parece interessante que as críticas ao estudo de comunidade de Willems tenham sido iniciadas por Caio Prado Jr., não só por revelar, como bem apontado por Jackson (2009a), uma clivagem política e teórica, mas por mostrar também uma disputa geracional. Tanto Caio Prado Jr. como Sérgio Buarque de Holanda, que também criticou o trabalho de Willems, são autores associados em grande parte ao ensaísmo brasileiro, ao qual os estudos de comunidade se contrapuseram, tendo sido seguidos em suas críticas pela geração seguinte, que, de alguma forma, esteve ligada aos estudos de comunidade em suas formações acadêmicas. Assim, os estudos de comunidade realizados no Brasil ficaram restritos a uma

geração de pesquisadores, muitos deles associados de alguma forma a projetos institucionais norte-americanos, que sofreram duras críticas tanto da geração anterior de estudiosos, cujos métodos os estudos de comunidade criticavam, como pela geração seguinte de pesquisadores brasileiros formados nas universidades brasileiras e que passaram a se contrapor e a negar a alcunha desses estudos.

No entanto, Luiz Carlos Jackson (2009b, p. 185) lembra que “devemos reconhecer que a maioria dos estudos sociológicos e antropológicos sobre as sociedades rurais,<sup>39</sup> realizados depois de *Cunha* e de outros ‘estudos de comunidades’, lhes são diretamente devedores”. Seja pelo esforço de realizar um empreendimento coletivo, em que os pesquisadores formavam equipes de investigação, seja pela sólida base empírica adotada em que o trabalho de campo passaria a dar a tônica das pesquisas, os estudos rurais realizados em São Paulo tiveram em Willems um ponto de inflexão para o desenvolvimento posterior do campo de estudo. Segundo o autor, as pesadas críticas que o estudo de *Cunha* recebeu

restringiram o reconhecimento de seu legado na USP, mas sua continuidade pode ser reconhecida na tradição dos estudos realizados por Gioconda Mussolini, Antônio Cândido e Maria Isaura Pereira de Queiroz, que desenvolveram criticamente a percepção aguda que Willems teve sobre o papel dos sitiantes pobres no povoamento e na formação da sociedade rural brasileiras (Jackson, 2018, p. 292).

Se nos voltarmos, porém, às resenhas internacionais do livro, a repercussão é outra. Três pesquisadores publicam nos EUA resenhas sobre o livro, para as quais gostaria de chamar a atenção. A primeira dessas resenhas é publicada no primeiro semestre de 1949 na *American Anthropologist*

---

39 Como nos revela Magnani (1996), os estudos da antropologia urbana em São Paulo também são devedores aos estudos de pequenas comunidades rurais.

e é realizada por Charles Wagley (1949), da Universidade de Columbia. Escreveu Wagley (1949, p. 306, tradução minha):

Talvez o centro de antropologia social mais ativo ao sul do Rio Grande é São Paulo, Brasil. Cientistas e professores como Herbert Baldus, Mário Wagner Vieira da Cunha, Otávio da Costa Eduardo, Kalervo Oberg, Donald Pierson, Egon Schaden, entre outros, estão treinando estudantes, conduzindo pesquisas de campo e escrevendo.<sup>40</sup>

Interessante ressaltar, aqui, que o autor americano que pesquisou no Brasil, publicando o estudo de comunidade *Amazon town* (Wagley, 1953), lista nomes ligados à ELSP como os membros do centro mais ativo no campo da antropologia social em São Paulo. É importante assinalar que Wagley conduziria, alguns anos mais tarde, o “Programa de Pesquisas Sociais Estado da Bahia – Universidade de Columbia”, projeto que seria um dos grandes estudos de comunidade realizados no Brasil. Wagley (1949, p. 306, tradução minha) continuou sobre o assunto:

A presente monografia é a obra de uma das principais figuras desse grupo, nomeadamente, Emílio Willems, autor de *A aculturação dos alemães no Brasil e Assimilação e populações marginais no Brasil* (São Paulo, 1940), assim como de numerosos artigos publicados no Brasil e no exterior. O presente volume tem a alta qualidade e a consistência teórica que o trabalho anterior de Willems nos ensinou a esperar. [...] Apesar de algumas falhas, esse estudo acrescenta muito ao nosso conhecimento do Brasil rural, e é um acréscimo bem-vindo a uma longa

---

40 No original: “Perhaps the most active center south of the Rio Grande in the field of social anthropology is [São] Paulo, Brazil. Scientists and teachers, such as Herbert Baldus, Mario Wagner Vieira da Cunha, Octavio da Costa Eduardo, Kalervo Oberg, Donald Pierson, Egon Schaden, and others, are training students, conducting field research, and writing”.

lista de estudos de comunidades modernas realizados por antropólogos. Também deve ser de considerável valor para os planejadores e administradores no Brasil, assim como para os cientistas sociais interessados no processo de mudança social em geral.<sup>41</sup>

É possível assinalar na resenha de Wagley duas colocações importantes para compreendermos o contexto em que os estudos de comunidade se encontravam no Brasil. Em primeiro lugar, Wagley ressalta que o estudo de Willems vem na esteira de uma longa lista de estudos de comunidades modernas realizados por antropólogos. A contribuição de Willems, dessa forma, estaria amparada nessa “longa lista” de estudos, em sua maioria norte-americanos e na qual o próprio Wagley se colocaria. O segundo ponto importante apresentado por Wagley é exatamente o caráter aplicado que os estudos de comunidade teriam. O valor que a obra teria para “planejadores e administradores públicos” mostra como esses estudos tinham como característica o diálogo com o poder público.

Outro pesquisador que resenhou *Cunha* no exterior foi T. Lynn Smith, na *American Sociological Review*. O autor que, como apresentei, foi o responsável por levar Willems para lecionar na Universidade de Vanderbilt, afirmou que:

O Professor Willems fez um uso judicioso e eficiente das modernas técnicas sociológicas e antropológicas na preparação do estudo mais

---

41 No original: “The present monograph is the work of one of the leading figures of this group, namely, Emilio Willems, the author of *A Acculturação dos Alemães no Brasil* and *Assimilação e Populações Marginais no Brasil* (São Paulo, 1940), as well as numerous articles published in Brazil and elsewhere. The present volume has the high quality and the theoretical awareness which Willems’ earlier work has taught us to expect. [...] Despite a few faults, this study adds much to our knowledge of rural Brazil, and it is a welcome addition to a long list of modern community studies by anthropologists. It should also be of considerable value to social planners and administrators in Brazil as well as to social scientists interested generally in the process of social change”.

profundo, objetivo e interessante de um município brasileiro que chegou ao conhecimento deste revisor (Smith, 1949, p. 693, tradução minha).<sup>42</sup>

E finaliza nos dando uma interessante pista sobre as percepções das possibilidades de circulação e de impacto de uma obra, dado o contexto e a língua de publicação:

Ele merece ser amplamente lido, tanto no Brasil como em outros países. Em muitos aspectos é lamentável que uma obra tão importante esteja enterrada no “túmulo da língua portuguesa”, e que tantos cientistas sociais nos Estados Unidos ainda desconheçam o considerável corpo de excelente material sociológico e antropológico que se está se acumulando no Brasil (Smith, 1949, p. 694, tradução minha).<sup>43</sup>

Por fim, Franklin Frazier publicou uma outra resenha na *American Journal of Sociology*, contribuindo para o rol de críticas ao trabalho de Willems e também destacando o problema da limitação na sua circulação em decorrência da língua em que foi escrito:

Este livro [...] é uma importante contribuição para o estudo antropológico e sociológico do impacto da “civilização” sobre a “cultura folk”. Além disso, o número crescente de sociólogos que se interessam pelo problema dos contatos raciais e culturais fora dos Estados Unidos devem considerá-lo (se lerem português) uma contribuição valiosa

---

42 No original: “Professor Willems has made judicious and efficient use of modern sociological and anthropological techniques in the preparation of the most thorough, objective, and interesting study of a Brazilian *município* that has come to the attention of this reviewer”.

43 No original: “It deserves to be read widely both in Brazil and elsewhere. In many ways it is unfortunate that such an important work is buried in “the tomb of the Portuguese language”, and that so many of the social scientists in the United States are still unaware of the considerable body of excellent sociological and anthropological material which is accumulating in Brazil”.

para o seu conhecimento da situação brasileira (Frazier, 1950, p. 508, tradução minha).<sup>44</sup>

Assim, o estudo de comunidade realizado por Willems teve uma recepção positiva na academia dos EUA. Ao contrário do que ocorreu no Brasil, o texto foi bem-visto nos EUA. As críticas brasileiras se centrariam no que os autores consideravam ser um empirismo exagerado de *Cunha*, que denotaria uma ausência de preocupações teóricas. Além disso, Guerreiro Ramos (1995, p. 105-106) criticou o que seria uma “transplantação literal de medidas adotadas em países plenamente desenvolvidos” e que formulava “interpretações genéricas dos aspectos global e parciais das estruturas nacionais e regionais”. Ou seja, as críticas parecem apontar exatamente para essa aproximação de Willems com os modelos de pesquisa dos EUA.

### ***Followers of the new faith: culture change and the rise of the Protestantism in Brazil and Chile***

Em 1967, foi publicado pela Vanderbilt University Press o livro *Followers of the new faith: culture change and the rise of Protestantism in Brazil and Chile*, de autoria de Emílio Willems (1967a). Suas 290 páginas, mais dez do prefácio e apêndice contendo vinte tabelas e dois mapas, custando à época US\$ 7.50 (ou £ 3.8 na publicação inglesa feita pela editora C. Hurst & Co.), foi o resultado de uma pesquisa realizada entre 1959 e 1960 no Brasil e no Chile em que o autor produziu o que afirmou ser uma tentativa de compreender o surgimento e o desenvolvimento do protestantismo proselitista

---

44 No original: “This book [...] is an important contribution to the anthropological and sociological study of the impact of ‘civilization’ upon the ‘culture of the folk’. Moreover, the increasing number of sociologists who are becoming interested in the problem of race and culture contacts outside the United States would find it (if they read Portuguese) a valuable contribution to their knowledge of the Brazilian situation”.

dentro do contexto de duas culturas latino-americanas, sendo, como afirmou, um estudo apenas exploratório em seus métodos e resultados. Sobre o novo projeto, recordou Willems (1983, p. 9-10):

Em 1958 resolvi organizar um projeto de pesquisa de maior envergadura. Deparando com congregações protestantes em viagens anteriores e observando formas de comportamento coletivo que se desviavam consideravelmente de padrões costumeiros, decidi ir ao fundo do fenômeno, escolhendo o Brasil e o Chile como área de investigação. Com o auxílio da Fundação Rockefeller e da Comissão Fulbright, passei seis meses no Chile e seis meses no Brasil (1959-1960), colhendo dados e lecionando na Universidade do Chile e na Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Reuni o material num livro publicado em 1967 (*Followers of the New Faith*). De acordo com a minha orientação “tradicional”, vi o Protestantismo como processo de mudança cultural, de um passado em que a Igreja católica possuía o monopólio de salvação até o desenvolvimento de um pluralismo religioso cada vez mais diferenciado.

Esse livro teve uma repercussão ampla, sendo um dos textos de Willems mais citados e fonte privilegiada para analisar os estudos sobre religião e mudança cultural de sua autoria, ou seja, para compreender o processo de pesquisa e elaboração do livro, bem como dimensionar a repercussão e crítica na literatura especializada sobre o trabalho do autor, internacionalmente. Foram quase vinte publicações de resenhas do livro produzidas entre 1968 e 1970 nas revistas especializadas dos Estados Unidos, Inglaterra, França e Brasil. Convém anunciar, aqui, que esse livro de Willems jamais foi traduzido no Brasil, fato esse que mostra o processo de “esquecimento” que a obra do autor sofreu no país após sua ida para os EUA.

A publicação, apesar de não ser traduzida para o português, foi uma fonte importante para os estudos sobre protestantismo que se seguiram na academia brasileira. Conforme escreveu Oracy Nogueira (1983, p. 62),

ele “constitui uma importante contribuição ao estudo socioantropológico da religião, campo em que vêm surgindo trabalhos cada vez mais numerosos, no Brasil, tendo o seu como uma das fontes de inspiração teórica e metodológica”. No mesmo sentido vai o trabalho recente de Santiago Filho; em sua tese de doutorado, o autor retoma os estudos de Willems sobre o protestantismo. Segundo ele,

a importância de trazer à tona seus [de Willems] estudos de religião encontra-se no fato de que Willems antecipa diversas discussões e hipóteses que serão o centro do debate nos estudos de religião realizados no Brasil após a década de 70. [...] A tese de que o crescimento do pentecostalismo é concomitante ao crescimento da secularização em nossa sociedade, que a participação política dos pentecostais é uma resposta de sua condição sectária e que uma situação de pluralismo ganha impulso com o crescimento dessa manifestação religiosa, são alguns exemplos de problemas já tratados pelo autor na década de 60. Há, sem dúvida, um projeto pioneiro de estudos sobre o protestantismo e o pentecostalismo iniciado por Willems (Santiago Filho, 2017, p. 94).

O interesse de Willems pelos estudos religiosos já estava presente ao longo de toda a sua obra. No entanto, se em seus textos da década de 1940 o foco na análise da mudança cultural estaria em conceitos como aculturação e assimilação, referências diretas dos estudos norte-americanos, principalmente advindas das obras de Herskovits, de Linton e de Redfield, nos estudos de religião o foco se torna outro, e o método de análise, estrutural-funcionalista. No estudo sobre *Cunha*, Willems “consagra boa parte de sua atenção à descrição da expansão do protestantismo, especialmente do metodismo, pela área rural do município, através da conversão de membros das famílias de sítiantes, integrantes da classe média rural” (Nogueira, 1983, p. 56). Dessa forma, a observação na pesquisa anterior “seria importante para seu estudo posterior sobre o protestantismo no Brasil e no Chile” (Nogueira, 1983, p. 56).



O foco no protestantismo como fator de mudança cultural no Brasil só passou a ser trabalhado sistematicamente em 1954, como revelou Willems (1954b) em carta para Fernando de Azevedo, escrita de Nashville, Tennessee, em 6 de março de 1954. O desenvolvimento do protestantismo no Brasil e no Chile teria ocorrido, segundo o autor, em um período caracterizado por grandes mudanças socioculturais e que a crescente adesão a algumas igrejas e seitas poderia ser interpretada em função dessas mudanças. Para o autor, o desenvolvimento do protestantismo, que se tornaria mais tarde um movimento de massas, teria sido acompanhado de certas mudanças na estrutura social e no sistema de valores das duas sociedades sob escrutínio. Nelas, as maiores concentrações de protestantes seriam encontradas justamente em comunidades e áreas mais drasticamente afetadas por essas mudanças.

Em 7 de abril de 1958, Willems revelou para seu ex-orientador, Fernando de Azevedo, a ideia de sua pesquisa. Ele escreveu:

Estou pensando em ir ao Brasil em 1959 para realizar pesquisas sobre mudança cultural e religião. Como a coleta de dados será demorada e dispendiosa, já comecei a tratar do problema de financiamento. Aqui vai o plano, em linhas gerais:

Vou requerer um “Fullbright Fellowship” do governo americano. [...] É necessário, no entanto, que uma instituição brasileira requeira meus serviços ou, pelo menos, apoie meu pedido. [...] A universidade brasileira não assume responsabilidade financeira de espécie alguma. Não poderei lecionar, pois as pesquisas que pretendo fazer exigirão numerosas viagens. Mas poderia prestar à universidade de S. Paulo o serviço de treinar alunos em trabalhos de campo. Fato é que vou precisar de auxiliares de pesquisa, e estes poderiam ser alunos da Faculdade (Willems, 1958b).

A carta de Willems para Fernando de Azevedo revela algumas questões importantes, como o treinamento de alunos em pesquisa de campo, tal

como já foi citado nos casos da pesquisa de *Cunha* e da aculturação dos japoneses no interior paulista. Na pesquisa de 1959-1960, Willems contou com uma série de assistentes das mais diversas instituições, além de seu filho mais novo, Antenor Willems, que viajou dos EUA com o pai. Um dos nomes de maior destaque foi Fernando Moraga. Willems escreveu no relatório para a Rockefeller que teve muita sorte em contratá-lo no começo da pesquisa. Como professor e membro de uma igreja metodista, Moraga teria sido “um assistente extremamente eficiente e incansável, que recolheu uma grande quantidade de dados, principalmente entre as seitas pentecostais que eram extremamente pouco cooperantes” (Willems, 1960b, p. 1, tradução minha),<sup>45</sup> e um assistente que se devotou em tempo integral à pesquisa, com entrevistas de membros do clero e obtendo histórias de vida de convertidos ao protestantismo.

Além de Moraga, Willems contou com alunos de graduação do Centro de Estudios Antropológicos da Universidade do Chile, realizando a pesquisa de acordo com as necessidades e oportunidades de cada um. No Brasil, a Escola de Livre Sociologia e Política foi o centro da pesquisa (o professor ofereceu um curso na instituição em 1960, “Estudos Antropológicos da Organização Social”), e alunos de graduação como José Fábio Barbosa da Silva viraram assistentes de pesquisa. No Rio de Janeiro, José Maria Lopes fez parte da equipe, assim como Key Yuasa, aluno de graduação do Seminário Presbiteriano de Campinas. Além disso, Santos Copela,<sup>46</sup> da Universidade de São Paulo, também colaborou, sendo todos

---

45 No original: “An extremely efficient and untiring assistant, who gathered a wealth of data, primarily among the extremely uncooperative Pentecostal sects”.

46 Não consegui localizar informações sobre o pesquisador, mas Willems (1960b, p. 3) ressalta que Copela trabalhou durante a pesquisa no estado de São Paulo e entrevistou aproximadamente sessenta pastores e cento e cinquenta estudantes seminaristas.

os assistentes e entrevistadores “cuidadosamente selecionados e trabalhadores muito eficientes” (Willems, 1960b, p. 3, tradução minha).<sup>47</sup>

Além disso, o plano de financiamento de Willems também merece comentários. Não é de hoje que o financiamento de pesquisas no Brasil é escasso. Como já revelava Willems ao mudar do Brasil para os EUA, seus planos não ocorreram da forma prevista. Como revela o autor, em carta de 31 de julho de 1958, após reuniões em Washington:

Acabo de voltar de Washington onde tive uma longa conversa com Trustin Russell. Ele começou por transmitir a intenção da Comissão Fullbright de declinar o meu pedido. Alegam os membros da comissão que os meus contatos com o Brasil foram tão íntimos e prolongados que, interpretando o espírito da lei, preferiam enviar outra pessoa que pudesse fazer uma contribuição inteiramente nova ou pelo menos diferente. Russell disse em seguida que a comissão gostaria de propor-me ir ao Chile (Willems, 1958c).

Dessa forma, surgiu a proposta de fazer um estudo comparativo entre o protestantismo no Brasil e no Chile. Na sua proposta de plano de pesquisa enviada para a Rockefeller, Willems afirmou que entre 1945 e 1958, ao investigar a cultura mestiça na costa de São Paulo e na comunidade de Cunha, teve a oportunidade de observar o impacto do protestantismo proselitista na cultura camponesa brasileira, incorporando algumas dessas observações na monografia sobre Cunha. Além disso, em 1952, o aluno de graduação de Willems na Vanderbilt, John Saunders, foi para o Rio de Janeiro para estudar uma congregação metodista suburbana, cujos resultados foram incorporados no artigo “Protestantism as a factor of cultural change in Brazil” (Willems, 1955).

---

47 No original: “All assistants and interviewers, having been carefully selected, were eficiente workers”.

Um dos “pareceristas” da proposta de Willems, Charles Wagley, foi fundamental em apoiar o projeto junto à comissão da Rockefeller. Segundo Wagley, Willems era bem treinado, saído da Alemanha para o Brasil com um background sólido, e teria grande aptidão, “agarrando-se a novas ideias” (Rockefeller Foundation, 1959, tradução minha).<sup>48</sup> Apesar das preocupações com o desenvolvimento lento de algumas pesquisas de Willems, Wagley afirmou que este estava num estágio de sua carreira que lhe permitiria realizar um bom trabalho, sendo a ida do intelectual alemão para a academia norte-americana fundamental por fornecer um ambiente de estímulos competitivos. Nesse aspecto, o próprio Willems parece concordar com os estímulos que a competição na academia americana forneceria para os pesquisadores. Sobre isso, escreveu Willems:

O sistema universitário dos Estados Unidos é, acima de tudo, um sistema competitivo. Sua feição tipicamente americana resulta provavelmente desse fato. Não há governo a estabelecer padrões e normas refletindo o que determinado ministro pensa que deva ser feito em matéria de ensino superior. Os padrões vigentes provêm da emulação incessante das instituições, empenhadas em melhorar suas instalações, seu corpo docente, a qualidade do ensino e da pesquisa. Essa política requer uma administração vigilante, cheia de iniciativa e aberta a ideias novas. Em todas as escolas há uma renovação contínua do corpo docente. Procura-se contratar o professor que apresente o “curriculum vitae” mais promissor. A escola em que obteve seus graus universitários, suas publicações e suas experiências pedagógicas são avaliadas, sempre em confronto com as de seus competidores. Relações pessoais naturalmente ajudam ao candidato bom, mas raramente ao incompetente. Estabilidade no cargo só é concedida ao professor adjunto e ao catedrático, mas sem “concurso de provas”. As exigências da competição livre são tão grandes que o concurso

---

48 No original: “Latching on to new ideas”.

de provas seria inútil e inconcebível. Muitas universidades fazem sacrifícios consideráveis para atrair professores de renome. Acima de tudo oferece-se a tais professores salário mais alto do que lhes é pago ou oferecido por instituições competidoras. Entende-se que a uniformização de vencimentos seria um golpe de morte na política de elevação do nível das universidades. Assim, cada escola tem sua escala de salários. Esta, no entanto, nunca é rígida, de modo que dois professores catedráticos, por exemplo, podem ganhar vencimentos bastante diferentes. Se bem que isso leve, às vezes, a rivalidades e descontentamentos, o sistema não é considerado injusto. Rivalidades e descontentamentos são partes integrantes do sistema em que se encaram, antes de mais nada, as oportunidades de ascensão profissional e econômica. Evidentemente, esse princípio competitivo não poderia funcionar como funciona se a estrutura da sociedade norte-americana não fosse concebida em termos competitivos. Não há o perigo de uma instituição universitária converter-se em “árvore de Natal” decorada com nulidades “efetivas” (Willems, 1953a, p. 260).

Juntando-se a isso o conhecimento de Willems com os anos vividos no Brasil, esses fatores o colocariam na posição de realizar as questões certas.<sup>49</sup> Dessa forma, os laços prolongados do autor com o Brasil, ao invés de serem um problema para a pesquisa deveriam ser vistos como uma vantagem. Com o respaldo de Wagley, Montague Yudelman, diretor assistente de ciências sociais da Rockefeller, aceitou o projeto de Willems, interessando-se pela pesquisa.

---

49 Segundo os relatórios da Fundação Rockefeller, o parecer de Wagley afirmou que “os dezenove anos de Emílio Willems no Brasil vão certamente colocá-lo na posição de fazer as perguntas certas”, e continua: “Há uma gama muito interessante de questões que seriam abordadas em qualquer estudo como o proposto por EW” (tradução minha). No original: “EW’s nineteen years in Brazil will certainly put him in a position to ask the right questions”. [...] “there is a very interesting range of issues that would be covered in any study such as that proposed by EW” (Rockefeller Foundation, 1959).

Como resultado da pesquisa, além do livro em questão foram publicados: “Protestantismus und Klassenstruktur in Chile” (Willems, 1960a), “Protestantismus und Kulturwandel in Brasilien und Chile” (Willems, 1963), “Religiöser Pluralismus und Klassenstruktur in Brasilien und Chile” (Willems, 1965b), “Validation of authority in Pentecostal sects of Brazil and Chile” (Willems, 1967b), os capítulos de livro “Protestantism and culture change in Brazil and Chile” (Willems, 1964a) e “Religious mass movements and social change in Brazil” (Willems, 1966).

Convém lembrar, também, a influência católica em sua formação. Conforme exposto na primeira parte deste livro, a família de Willems tinha um forte tom católico e puritano e era intransigente em relação a isso, assim como a educação que recebeu das escolas alemãs no início do século XX. A região alemã de Niehl, cidade natal do então Emil Willems nos arredores de Colônia e que contava com 4000 habitantes em 1905, era composta majoritariamente por católicos. Além disso, sua vinda ao Brasil foi precisamente para lecionar latim e grego em um colégio católico em Brusque. No entanto, como exposto, Hilda, esposa de Willems e grande paixão desde os tempos em que ainda viviam na Alemanha, era protestante, fato esse que criara problemas na aceitação do relacionamento por parte das famílias.

Durante o ano de 1968, Emílio Willems escreveu seis cartas que estão no Fundo Florestan Fernandes. Nessas cartas, transparece uma preocupação central de Willems à época, que era a publicação, em português, de seu livro produzido na Vanderbilt University Press, *Followers of the new faith: cultural change and the rise of Protestantism in Brazil and Chile* (Willems, 1967a). A respeito dessa obra, Florestan Fernandes apareceu, a pedido de Willems, como o interlocutor com as editoras brasileiras para publicar uma versão em português. Nessas cartas, é possível acompanhar o trabalho e as dificuldades encontradas em arrumar uma editora para sua publicação, bem como as diversas negociações para tanto. Sobre a publicação, escreveu Willems (1968b): “Um fator importante a

considerar é o prazo que a editora brasileira quer a partir da entrega do manuscrito traduzido até o lançamento do livro. Não quero que a edição brasileira seja uma obra póstuma minha. Não é que pretenda morrer já, mas também não sou tão jovem assim”. Mais de cinquenta anos já se passaram desde a publicação em inglês e o envio da carta e, no entanto, a publicação brasileira da obra ainda não aconteceu.